



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

LAÍS QUEIROZ RIBEIRO

SILÊNCIO DOS GIRASSÓIS:
Histórias que os números não contam sobre a surdez

GOIÂNIA

2025

LAÍS QUEIROZ RIBEIRO

SILÊNCIO DOS GIRASSÓIS:

Histórias que os números não contam sobre a surdez

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
conclusão do curso de Bacharelado de
Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Maria Carolina
Giliolli Goos

GOIÂNIA

2025

LAÍS QUEIROZ RIBEIRO

SILÊNCIO DOS GIRASSÓIS:

Histórias que os números não contam sobre a surdez

Data da Defesa: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Avaliadora: Prof.^a Ma. Gabriella Luccianni de Moraes Souza Calaça

Avaliadora Prof.^a Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveir

GOIÂNIA

2025

Dedico este trabalho à comunidade surda, que a cada encontro, me ensinou sobre resistência, identidade e pertencimento. Este trabalho carrega um pedaço de cada história que ouvi e acolhi ao longo do caminho. Desejo que o jornalismo e o mundo se transforme para enxergar, incluir e representar todas as pessoas com deficiência. Que sejamos ponte, voz e espaço para quem, por muito tempo, foi silenciado.

Com esperança e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Dirijo minhas primeiras palavras de agradecimento a Deus, meu refúgio, meu sustento e minha fonte inesgotável de esperança. Há um versículo que representa o que tenho vivido nesse último ano: *“Dou graças ao Senhor porque Ele me ouviu; este é o dia que o Senhor fez: regozijemo-nos e alegremo-nos nele”* (Salmos 118). Esse pequeno trecho é apenas um vislumbre das incontáveis bênçãos que o Senhor tem me proporcionado, muito além do que um dia ousei pedir ou sonhar. Em cada passo desta caminhada, roguei por proteção, saúde, discernimento e sabedoria. E Ele me ouviu. Pedi por este trabalho, pelos encontros que ele me proporcionaria, pelas histórias que me tocariam e fui surpreendida por Sua graça em cada detalhe. Fui guiada, acolhida e fortalecida. E hoje, com o coração transbordando de gratidão, reconheço: fui imensamente bem-aventurada.

Dedico e agradeço, com todo o amor que me habita, aos meus pais. É uma honra e um privilégio ser filha de pessoas tão generosas, de alma nobre e coração imensamente bom. Obrigada por nunca soltarem a minha mão. Por não se conformarem com um diagnóstico solitário, por enfrentarem as incertezas com coragem e fé. Obrigada por acolherem minha deficiência com amor, por se comprometerem com cada etapa do meu desenvolvimento e tratamento, por acreditarem que eu poderia, sim, enxergar além dos limites, e admirar a beleza que é a vida. Sou grata por me ensinarem a lutar por mim mesma, a erguer a voz em defesa dos meus direitos, a não me calar diante de uma sociedade que, por tanto tempo, ignorou e silenciou pessoas com deficiência. Eu sei que não foi fácil. Sei que dei trabalho, que houveram dias angustiantes e noites de dúvidas. Mas também sei que vocês me ofereceram o melhor de si, e foi com esse melhor que me tornei quem sou.

Obrigada por acreditarem nos meus sonhos, por caminharem ao meu lado. Vocês são meu porto seguro, minha base, meu amparo. Obrigada por me amarem tanto! Tudo o que conquistei até aqui carrega as marcas da dedicação de vocês, do esforço, da fé inabalável e do amor que nunca mediu esforços. Se hoje caminho com coragem, é porque fui ensinada, desde cedo, a não temer os desafios, mas a enfrentá-los com dignidade e esperança. Levo comigo os valores que me ensinaram: o temor à Deus, o respeito, a empatia, a perseverança, e tento retribuir, todos os dias, com atitudes que os honre! Vocês são, e sempre serão, o meu exemplo.

Agradeço, com afeto, à minha irmã Letícia, por adoçar meus dias, colorir meus caminhos e encher minha vida de leveza e alegria, assim como é sua essência: doce, vibrante, encantadora. Sua presença é como um raio de sol que chega sem aviso, mas transforma tudo ao redor com calor e cor. O carinho que você me oferece é de um valor imensurável, ser sua irmã é um presente raro e precioso.

Carol, queria encontrar palavras que estivessem à altura da sua presença nesse último ano, mas sei que nenhuma frase vai dar conta de traduzir tudo que você representou nessa caminhada. Obrigada por ter acreditado em mim, mesmo nos momentos em que eu ainda não sabia no que esse projeto iria dar. Você enxergou potência onde eu só via rascunho, deu leveza aos meus dias pesados, firmeza às minhas incertezas e confiança à minha escrita. Obrigada por ter acreditado nas histórias que eu queria contar, nas pessoas que eu queria dar voz, na militância que pulsa no que a gente escreve e vive. A nossa troca foi bonita, honesta, necessária, e sem ela, esse trabalho não teria metade da alma que tem. Foi uma honra te receber na minha casa toda segunda-feira, e mais do que isso, foi encantador ser atravessada pela sua presença, tão generosa, tão inteira. Você me encantou com sua escuta, com sua força tranquila, com a beleza de ser quem é.

Agradeço, com todo o carinho à Gabriella e à Nívia. Mais do que colegas de curso ou de profissão, vocês se tornaram amigas que eu tive o prazer de encontrar. E se essa caminhada foi bonita, leve e cheia de significado, foi porque vocês estavam nela. Cada uma de vocês, com seu jeito único, tornou essa fase mais suportável nos dias difíceis, e ainda mais inesquecível nos dias bons. Nós três criamos um laço que ninguém consegue explicar! Foram tantas conversas, tantas confissões... Em meio a trabalhos, provas, noites mal dormidas e cafés compartilhados, a amizade foi crescendo. E sem que a gente percebesse, a vida foi respondendo cada esforço com conquistas que antes pareciam tão distantes. Aquelas frases que soltávamos entre risos e dúvidas: "*quem sabe um dia...*", hoje se concretizaram. Desejo para cada uma de nós um futuro próspero e feliz, tão grandioso quanto os sonhos que ousamos sonhar. Agora, vamos ter que encontrar outras escadas para sentar e conversar, porque a da faculdade... ah, essa já está ficando para trás.

E não poderia deixar de expressar meu reconhecimento a todos os professores da universidade. Obrigada por todas as aulas, pelas orientações, pelas exigências que me fizeram crescer, e sobretudo por nos ensinarem o que é ser jornalista de verdade.

Apreendi com vocês não só técnicas e teorias, mas também ética, sensibilidade e responsabilidade. Cada discussão, cada projeto, cada desafio proposto por vocês me trouxe mais perto de ser a profissional que desejo ser.

E a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui: meu sincero obrigada. Esse caminho não foi trilhado sozinha.

“Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa de vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada uma delas resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita.”

Eliane Brum

RESUMO

Este trabalho propõe a produção de uma reportagem multimídia em formato longform, centrada nas vivências de crianças surdas, suas famílias e educadores, com o objetivo de evidenciar os desafios e as possibilidades no processo educacional inclusivo. Parte-se da concepção do jornalismo como prática social e adota-se o uso do jornalismo literário como recurso essencial para a construção do produto final, possibilitando a escuta atenta das fontes e a elaboração de textos que valorizam as subjetividades envolvidas. A metodologia inclui entrevistas e pesquisa de campo, associadas a técnicas de produção multimídia que integram texto, imagem, som e vídeo. O resultado constitui um material jornalístico que alia profundidade informativa e envolvimento emocional, reafirmando o potencial do longform como formato acessível, e transformador.

Palavras-chave: Criança surda; Educação inclusiva; Jornalismo literário; Longform; Reportagem multimídia.

ABSTRACT

This research presents the development of a multimedia report in a longform format, focused on the lived experiences of deaf children, their families, and educators, with the purpose of shedding light on both the challenges and the opportunities within inclusive education. Grounded in the understanding of journalism as a social practice, the project employs literary journalism as a key narrative approach, enabling in-depth listening to the sources and the production of texts that emphasize the subjectivities and individual stories involved. The methodology combines interviews and field research with multimedia production techniques that integrate text, photography, audio, and video. The outcome is a journalistic piece that offers both informative rigor and emotional resonance, reinforcing the potential of longform journalism as an accessible, engaging, and socially transformative format.

Keywords: Deaf children; Inclusive education; Literary journalism; Longform; Multimedia reporting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Evolução das matrículas de educação especial na educação infantil, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2024	25
Figura 2: Evolução das matrículas de educação especial no ensino fundamental, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2023	26
Figura 3: Evolução das matrículas de educação especial no ensino médio, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2023.....	26
Figura 4: Matrícula na educação especial por tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação - Brasil 2023/2024.....	27
Figura 5: Fonte: Instituto Rodrigo Mendes por iniciativa do Diversa, plataforma que tem como objetivo melhorar a educação inclusiva. Captura de tela feita pela autora.	29
Figura 6: Página inicial do projeto multimídia Snow Fall, exemplo pioneiro de narrativa imersiva publicada pelo The New York Times em 2012.	47
Figura 7: Página inicial do projeto multimídia A Batalha de Monte Belo, publicada pela Folha de S. Paulo.....	48
Figura 8: Página inicial do projeto multimídia Sozinhas publicada pelo Diário Catarinense..	49
Figura 9: Captura de tela após clicar em uma das fotos disponíveis na página inicial..	49
Figura10 - Paleta de Cores do Site.....	56
Figura 11: Ilustração do Girassol utilizado no produto	57
Figura 12: Paleta de Cores dos Elementos Visuais	57
Figura 13: Exemplo das tipografias	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MDHC – Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Indicativo de Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio

WWW – World Wide Web

SUMÁRIO

Introdução	15
1 Fundamentação Teórica	17
1.1 Povo surdo e comunidade surda: Conceito e identidade	17
1.2 História da Comunidade Surda	20
1.3 Legislação sobre Educação: Leis, Políticas Públicas e Reflexões Freirianas na Educação	22
1.4 Panorama da Educação Bilíngue no município de Goiânia	28
1.5 Núcleo de Educação Bilíngue de Surdos: a nova política pública de ensino no município de Goiânia	30
1.6 Acessibilidade e inclusão nas práticas jornalísticas.....	31
1.7 Jornalismo literário: definição e características	35
1.8 Jornalismo como dispositivo nos Meios Digitais	39
1.9 <i>Longform</i> : História, Conceitos e Exemplos.....	44
1.10 Interações entre <i>Longform</i> e Jornalismo Literário.....	50
2 DESCRIÇÃO DA LONGFORM.....	53
2.1 Justificativa do título do trabalho.....	53
2.2 Justificativa da Identidade Visual	53
2.3 Cores.....	55
2.4 Elementos visuais.....	56
2.5 Elementos Gráficos	57
2.6 Tipografia Principal e Complementar.....	58
2.7 Descrição dos materiais jornalísticos presentes no produto.....	59
2.8 Tabela de produções da Longform.....	60
2.9 Material multimídia presente na longa reportagem	62
2.10 Acessibilidade na Longform.....	63
2.11 Hospedagem da Longform	64
2.12 Recursos disponíveis na Longform	65
3 Memorial	69
4 Considerações finais	77
5 Referências bibliográficas.....	79

6	Apêndices	83
6.1	APÊNDICE A – Pauta Centro Especial Elysio Campos.....	83
6.2	APÊNDICE B – Perfil Marina Holanda e Dante	84
6.3	APÊNDICE C – Entrevista Perfil: Fayda Albernaz e Marcos Paulo	86
6.4	APÊNDICE D – Pauta Bibliolibras com Maria de Regino	88
6.5	APÊNDICE E – Pautas de Saúde	90

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce da interseção entre uma inquietação pessoal e um interesse acadêmico em aprofundar os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a educação de surdos no Brasil. Motivado por essa confluência, busca-se aliar o jornalismo, enquanto prática social e narrativa, ao campo da educação inclusiva, com ênfase na valorização da diversidade linguística e cultural. Nesse contexto, o trabalho foca na criação de um formato multimídia longo, conhecido como *longform*, para narrar histórias de crianças surdas, suas famílias e educadores, explorando os desafios enfrentados e as possibilidades construídas no processo educacional.

O direito à educação é assegurado como um direito fundamental pela Constituição Federal de 1988 e fortalecido por legislações como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU, adotada em 2007. Esta última define que pessoas com deficiência enfrentam barreiras que podem obstruir sua plena participação na sociedade em igualdade de condições. No Brasil, 10 milhões de pessoas possuem algum nível de deficiência auditiva, sendo 2,7 milhões com surdez profunda, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Esses números evidenciam a urgência de iniciativas que promovam a inclusão e o acesso à informação.

Embora o Estatuto da Pessoa com Deficiência assegure a igualdade de oportunidades, as pessoas com deficiência auditiva ainda enfrentam barreiras significativas. No âmbito da educação, a alfabetização bilíngue em LIBRAS e português escrito é um desafio que requer atenção especial. A escolha do jornalismo literário e do formato *longform* neste trabalho reflete a intenção de abordar essas questões de forma sensível e humanizada. Autores como Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena oferecem fundamentos teóricos para a construção de narrativas imersivas que vão além do jornalismo convencional, promovendo maior profundidade com o leitor.

O jornalismo tem a capacidade de desconstruir preconceitos, sensibilizar e dar voz às minorias, como a comunidade surda. Com base em narrativas detalhadas e

ricas em nuances, este trabalho busca explorar as vivências de crianças surdas no contexto da educação bilíngue em Goiânia, com atenção especial ao processo de alfabetização. Por meio de entrevistas, histórias e reportagens, a intenção é não apenas informar, mas também contribuir para a conscientização sobre os direitos e as demandas dessa comunidade.

Ao destacar as relações e práticas educacionais, espera-se que este trabalho possa proporcionar uma visão ampliada sobre a educação de surdos e reafirmar o papel do jornalismo como ferramenta de transformação social. Ao informar e sensibilizar, o jornalismo literário se torna um aliado essencial na luta pela inclusão e no fortalecimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo aborda os conceitos relacionados à comunidade surda e ao povo surdo. Além disso, trata das principais legislações sobre educação e políticas públicas de inclusão, e apresenta dados e panoramas sobre o povo surdo no Brasil e com recorte aprofundado no município de Goiânia, incluindo políticas públicas educacionais.

1.1 Povo surdo e comunidade surda: Conceito e identidade

Para compreender a complexidade e a riqueza da comunidade surda, é fundamental reconhecer que ela não se define apenas pela ausência da audição, mas também por uma série de características culturais, sociais e linguísticas que a tornam única. Strobel¹ (2009) aborda dois conceitos importantes. O primeiro é o de povo surdo, que ela descreve como “um grupo de sujeitos surdos que têm costumes, história, tradições em comum e pertencem às mesmas peculiaridades, ou seja, constroem sua concepção de mundo através da visão” (Strobel, 2009, p. 6).

O segundo conceito que a autora define é o de comunidade surda. Para compreendê-la, é essencial reconhecer que não é composta exclusivamente por pessoas surdas. Essa comunidade engloba uma rede diversificada de pessoas, onde ouvintes desempenham papéis participativos: familiares, intérpretes, professores, amigos, dentre outros, contribuem ativamente para o desenvolvimento e fortalecimento dessa comunidade, compartilhando interesses e objetivos comuns. Segundo Strobel (2009, p. 6):

¹ Karin Lilian Strobel é doutora em Educação com ênfase em Processos Inclusivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de possuir formação em Pedagogia e especialização na área de surdez. Seu campo de pesquisa abrange língua de sinais, educação de surdos, linguística e metodologia de ensino de línguas de sinais. Entre 2008 e 2012, foi presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Em fevereiro de 2019, assumiu o cargo de Diretora de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos na Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP/MEC). Karin Strobel também é uma mulher com surdez profunda, adquirida aos quatro dias de vida devido às complicações no uso de antibióticos que afetaram seus nervos auditivos.

“A comunidade surda, na verdade, não é composta só de surdos, já que há sujeitos ouvintes, como família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização, que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas, entre outros” (Strobel, 2009, p. 6).

Sob uma perspectiva acadêmica, compreende-se que a comunidade surda exerce um papel ativo e significativo na vida do povo surdo, funcionando como uma rede de apoio essencial. No entanto, apesar dessa contribuição, a comunidade surda ainda enfrenta desafios para deixar de ser vista como uma minoria em diversos contextos sociais e educacionais. Diante dessa realidade, torna-se fundamental aprofundar a compreensão sobre o conceito de identidade surda, considerando suas implicações sociais, culturais e educacionais.

A construção da identidade surda é um processo dinâmico e profundamente influenciado pelas interações sociais, culturais e históricas que estão em volta das pessoas surdas. Essa identidade não é estática ou definida apenas pela condição do ouvir, mas é formada por discursos e práticas que afetam a maneira como a surdez é percebida e vivida, tanto individual quanto coletivamente. Nesse contexto, é essencial entender que a identidade surda vai além do simples fato biológico, sendo fruto de interações sociais e de concepções culturais sobre a surda. Como afirmam Santana e Bergamo, (2005, p.571):

“A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares. O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um “vácuo social”. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos.” (Santana e Bergamo, 2005, p.571).

Ainda sobre a identidade surda, Santana e Bergamo (2005) sugerem que a identidade humana é formada por diversos papéis sociais, os quais não são homogêneos. Ou seja, as pessoas assumem diferentes identidades em função de fatores religiosos, políticos, específicos, estéticos e de gênero, entre outros. Porém, quando se fala de surdez, a distinção entre ouvintes e não-ouvintes tende a reduzir a identidade das pessoas surdas a um único aspecto, como se elas só fossem alteradas, sendo definidas pela sua condição auditiva.

“A constituição da identidade do sujeito está relacionada às práticas sociais, e não a uma língua determinada, e às interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos. O reconhecimento dessa realidade seria o

aprofundamento das discussões sobre a identidade no campo da surdez, no qual se procura estabelecer uma “norma” com relação ao que é teoricamente chamado de identidade, e exigir que as análises correspondam a ela. Ou seja, uma norma de identidade, a identidade do surdo, e uma norma cultural correspondente, a cultura surda.” (Santana e Bergamo, 2005, p.572).

Ao abordar a identidade surda, somos conduzidos a uma segunda reflexão: a relação entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Santana e Bergamo (2005), enquanto estudiosos do tema, exploram duas perspectivas sobre essa relação, destacando suas implicações para a construção da identidade e para as interações sociais entre essas culturas.

O primeiro conceito dos autores diz que surdos e ouvintes crescem dentro de uma mesma cultura social, já que compartilham os mesmos valores, crenças e símbolos de uma sociedade em transformação. “Os surdos crescem segundo os valores, as crenças, os símbolos, os modos de agir e de pensar de um sistema socialmente instituído e em transformação.” (Santana e Bergamo, 2005, p. 573). Partindo deste princípio, surdos e ouvintes fariam parte do mesmo sistema social e, portanto, não haveria uma "cultura surda" separada da "cultura ouvinte". As diferenças observadas entre os dois grupos seriam apenas particularidades dentro de um sistema maior, sem que isso constitua uma cultura completamente diferente.

A segunda abordagem sugere que a discussão sobre a cultura surda é mais complexa do que simplesmente negar sua existência com base na ideia de que todos compartilham uma mesma sociedade. A separação entre surdos e ouvintes não pode ser ignorada, já que a própria sociedade impõe por meio do preconceito essa divisão. Além disso, muitos surdos e autores defendem a ideia de "cultura surda" por razões que vão além da língua. (Santana e Bergamo, 2005).

Dessa forma, a ideia de cultura surda torna-se uma ferramenta de resistência para muitos surdos. A promoção dessa identidade cultural também traz implicações profundas para o sistema educacional e as políticas de inclusão. O hiato derivado da barreira comunicacional imposta pela deficiência auditiva provocou desafios na interação dos surdos com o mundo ao seu redor. Segundo Carvalho (2015), a história da comunidade surda, tal como é conhecida hoje, tem sido narrada predominantemente por ouvintes, e não pelos próprios surdos.

1.2 História da Comunidade Surda

Dado essa contextualização de conceitos sobre povo surdo e comunidade surda, identidade e cultura surda, é fundamental compreender a trajetória histórica da comunidade surda. A origem da história dos surdos remonta à Grécia Antiga, onde Strobel (2009) narra que os surdos eram vistos como inválidos e considerados um incômodo para a sociedade. Por essa razão, muitos acreditavam que deveriam ser condenados à morte. Souza² (2018), afirma que essa ideal perpetuou pela Europa durante 20 séculos.

Mais adiante na história, no século XVI, surgem as primeiras tentativas de educação de surdos. Souza (2018) destaca como pioneiros os franceses Pedro Ponce de León, John Bulwer e Juan Pablo Bonet. Apesar dessas contribuições iniciais, foi Michel de L'Épé, um religioso francês, que deu início à prática do gestualismo³, desenvolvendo os primeiros métodos de ensino voltados para a educação de surdos Souza (2018).

A história dos surdos no Brasil teve início em 1857, com a chegada do francês Eduard Huet, um homem surdo convidado por D. Pedro II para fundar a primeira escola voltada à educação de surdos no país. A instituição foi inicialmente nomeada como Imperial Instituto de Surdos Mudos, sendo atualmente conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) localizado no Rio de Janeiro (Strobel, 2009). Com a vinda de Huet, muitos dos sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)⁴ passaram a incorporar influências da língua de sinais francesa.

Aqui cabe abrir um parênteses e ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é uma linguagem, mas sim uma língua. A linguagem caracteriza-se por

² Pedro Paulo Ubarana de Souza, é jornalista com Especialização em Língua Brasileira de Sinais, Libras) pela Universidade Potiguar. Possui experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: metáfora conceptual, cognição, Libras e surdez. O artigo utilizado como referência bibliográfica neste trabalho foi apresentado pelo autor no V Congresso Nacional de Educação (CONEDU) realizado em 2018. Vale ressaltar também que o autor é estudante do curso de graduação em Letras / Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

³ O gestualismo é um método de educação de surdos que combina o ensino da língua oral com um sistema de gestos estruturado.

⁴ Libras – Língua Brasileira de Sinais.

ser um sistema de comunicação abrangente, seja ele verbal, escrito, gestual ou visual. Já a língua refere-se a um sistema específico de comunicação utilizado por uma comunidade particular. É um conjunto de regras e convenções gramaticais que permite a comunicação dentro de uma determinada cultura ou grupo, como o português, o inglês, o francês ou a Língua Brasileira de Sinais, (Libras). Outro aspecto relevante é que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua brasileira e, portanto, restringe-se ao Brasil, não sendo um idioma universal Strobel, (2009).

Retornando à história, em 1880, acontece o Congresso Internacional de Educadores em Milão, na Itália. Em seus estudos, Strobel, (2009), detalha como aconteceu a deliberação: “Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro”, Strobel, (2009, p. 33). Foi neste congresso, com educadores ouvintes, que foi proibido de forma oficial o ensino da língua de sinais para educar os surdos⁵, estabelecendo o oralismo como método exclusivo para a educação da comunidade surda. Souza (2018) detalha que a proibição causou “um atraso de 100 anos no estudo e no desenvolvimento dessas línguas” Souza (2018, p. 2). Outra consequência relatada por Strobel, (2009), diz respeito à qualidade da educação: “a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíam das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas”, Strobel, (2009, p.37).

Após esse retrocesso, um século após a proibição, teve início a luta do povo surdo ⁶para que a língua de sinais fosse reintegrada ao processo educacional. Segundo Souza (2018), essa mobilização buscava reverter os danos causados pelo oralismo e garantir que a língua de sinais voltasse a ser reconhecida e utilizada na educação de surdos, valorizando sua cultura e identidade linguística.

⁶O termo “surdo” é o mais adequado para se referir a pessoas com perda total ou significativa de audição, em vez da expressão incorreta 'surdo-mudo'. A confusão decorre do desconhecimento de que a ausência de audição não implica necessariamente a ausência de fala. Pessoas surdas podem, sim, desenvolver habilidades vocais, especialmente quando acessam recursos educacionais. Além disso, é importante destacar o termo correto para se referir àqueles que possuem audição é 'ouvintes'.

1.3 Legislação sobre Educação: Leis, Políticas Públicas e Reflexões Freiriananas na Educação

O direito ao acesso à educação é um dos direitos fundamentais que visa garantir o bem-estar e a qualidade de vida da população por meio de políticas públicas do Estado. No Brasil, a educação passou a ser um direito fundamental indissociável a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988.

Após esse marco, as primeiras leis relacionadas à educação começaram a ser criadas, aprovadas e sancionadas. Uma das primeiras foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990. O Artigo 53 da Lei nº 8.069, de 13 de julho, dispõe que: “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:”

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.845, de 2019)

V - direito de organização e participação em entidades estudantis; (BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015).

Além da Constituição Federal e do ECA, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecidas pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determinam que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Neste contexto, o pensamento de Paulo Freire, educador aclamado pela academia e considerado um dos patronos da educação no país, sustenta que "a educação é um processo constante de criação do conhecimento. Esse processo seria

um modo de intervenção na realidade é um elemento basilar para recriá-la" Costa, (2015, p. 7). Ao considerar a visão freiriana, percebe-se que a educação forma a base para o desenvolvimento social e cultural de uma nação, proporcionando aos indivíduos as ferramentas necessárias para compreender e interagir com o mundo de maneira crítica e construtiva.

Porém, ao falar de educação neste trabalho, é fundamental ampliar essa discussão, refletindo sobre a educação voltada para pessoas com deficiência, com destaque à educação da comunidade surda. A Organização das Nações Unidas (ONU), na Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência de 2007, define que:

"pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas." (ONU, 2007, p. 16)

O Senado Brasileiro, ao elaborar o Estatuto da Pessoa com Deficiência, adota essa mesma definição, reconhecendo a ONU como precursora na defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Como este trabalho tem como foco a educação da comunidade surda, é necessário, primeiramente, revisar o que o Estatuto da Pessoa com Deficiência do Senado prevê sobre educação. No Capítulo IV, Art. 27, em que se lê:

"a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem." (BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.)

Essa legislação reforça o papel fundamental da educação como ferramenta de inclusão, ao mesmo tempo que busca garantir que o ensino esteja adaptado às necessidades específicas de cada estudante. É nesse sentido que, no Art. 28, do Estatuto da Pessoa com Deficiência destaca a responsabilidade do poder público em assegurar um sistema educacional inclusivo que elimine barreiras e promova a plena participação dos estudantes com deficiência. Entre essas medidas, encontram-se a

oferta de educação bilíngue⁷, e a adoção de práticas que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos.

I – sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

II – aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;

{...}

IV – oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas;

V – adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem em instituições de ensino; (BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015),

Este panorama legislativo é essencial para que possamos compreender como a inclusão educacional da comunidade surda está regulamentada e como se dá a sua implementação no contexto educacional brasileiro.

A criação das leis de inclusão no Brasil foi influenciada por eventos globais importantes, como a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990 na Tailândia, e a Declaração de Salamanca em 1994. Esses eventos forneceram suporte para a formulação de legislações que abordam os direitos das pessoas com deficiência de forma abrangente, incluindo a criação de normas específicas para cada tipo de deficiência, garantindo uma educação mais inclusiva e equitativa.

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como idioma no Brasil ocorreu em 24 de abril de 2002, quando a Lei nº 10.436 foi regulamentada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, reconhecendo-a como um idioma com estrutura e regras próprias. A partir da sanção da lei foi estabelecida a obrigatoriedade de sua utilização em instituições públicas e privadas de ensino e em serviços de saúde, garantindo o direito à comunicação e à educação bilíngue para as pessoas surdas no Brasil.

⁷ Aprendizagem combinada de Libras (como primeira língua) e Português escrito como segunda língua.

Com a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais e o avanço das legislações inclusivas no Brasil, torna-se imprescindível analisar os dados referentes à surdez no contexto educacional. Esses números oferecem uma visão mais clara dos desafios enfrentados pela comunidade surda no acesso à educação e da efetividade das políticas públicas destinadas à inclusão escolar. A seguir, serão apresentados dados relevantes sobre a educação de pessoas surdas no país, destacando as barreiras ainda existentes e as conquistas alcançadas.

De acordo com os dados do Censo Escolar⁸, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o panorama da educação especial na educação básica brasileira, no recorte de 2011 a 2024, revela avanços significativos no processo de inclusão.

Na educação infantil, no ano de 2024, foram registradas 366.423 matrículas de estudantes da educação especial em classes comuns⁹. Em contrapartida, as matrículas em classes especiais¹⁰ e em escolas exclusivas totalizaram 9.960.



Figura 1: Evolução das matrículas de educação especial na educação infantil, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2024

⁸ Os dados do Censo Escolar 2024 foram divulgados no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o acesso foi realizado em 20 abr. 2025 por meio do link: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

⁹ Classe comum (ensino regular): É a sala de aula onde estudam todos os alunos, com e sem deficiência, no sistema regular de ensino. Os estudantes da educação especial frequentam a mesma turma que os demais alunos. Recebem apoio especializado, quando necessário, como o Atendimento Educacional Especializado (AEE), sem estarem separados do convívio com os colegas. Representa a proposta inclusiva, que busca garantir a aprendizagem com equidade.

¹⁰ Classe especial: São turmas formadas apenas por estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. Essas turmas funcionam dentro de escolas regulares, mas de forma separada das demais turmas comuns.

No ensino fundamental, os dados entre 2011 e 2023 indicam 1.199.803 matrículas de alunos da educação especial incluídos em classes comuns, enquanto 85.972 estudantes foram matriculados em classes especiais ou instituições exclusivas.¹¹



Figura 2: Evolução das matrículas de educação especial no ensino fundamental, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2023

Já no ensino médio, o número de matrículas em classes comuns foi de 260.840. Em salas e classes especiais, o total foi de 1.403 estudantes.



Figura 3: Evolução das matrículas de educação especial no ensino médio, por local de atendimento - Brasil 2011 - 2023

¹¹ Escola exclusiva (ou ensino exclusivo): São instituições especializadas, que atendem somente alunos da educação especial. Exemplo: escolas para surdos ou instituições voltadas para pessoas com deficiência intelectual.

Esses números contemplam estudantes com diferentes tipos de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. Especificamente em relação aos alunos com surdez, o Censo Escolar de 2024 aponta um total de 18.561 matrículas, representando uma fração importante do total de estudantes da educação especial no país.

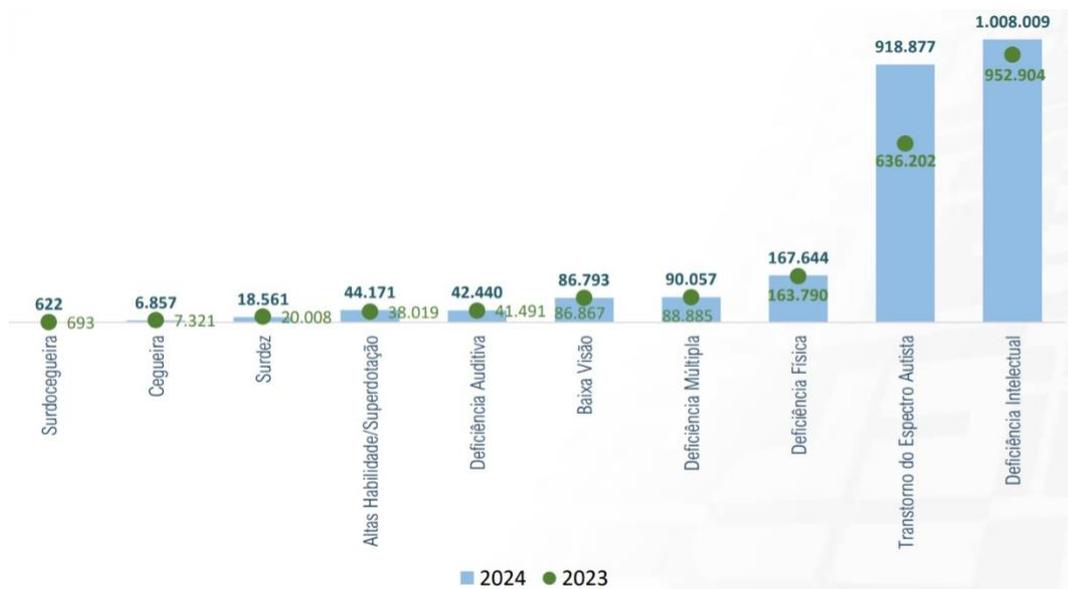


Figura 4: Matrícula na educação especial por tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação - Brasil 2023/2024

No contexto das discussões continuadas sobre políticas públicas educacionais em instância federal, em agosto de 2024, a Comissão de Direitos Humanos do Senado (CDH) aprovou o projeto que torna obrigatória a oferta de ensino de língua de sinais em todas as etapas e modalidades da educação básica. O texto altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Com a nova proposta do projeto, o PL 6.284/2019, do senador Romário (PL-RJ) diz que as instituições públicas e privadas de ensino deverão oferecer a Libras como língua de comunicação para todos os estudantes surdos, em todos os níveis e modalidades da educação básica.

As condições para isso serão definidas nos regulamentos dos sistemas de ensino, que deverão prever a necessidade de professores bilíngues, tradutores e intérpretes, além de tecnologias de comunicação em Libras. Os regulamentos também deverão tratar do acesso ao aprendizado da Libras da comunidade estudantil ouvinte (não surda) e dos pais ou responsáveis pelos alunos que tenham deficiência auditiva.

Segundo o projeto, os sistemas de ensino terão prazo de três anos para implementar as exigências estabelecidas na nova lei. Com o parecer favorável do senador Paulo Paim (PT-RS), o texto segue agora para análise da Comissão de Educação do Senado (CE).

1.4 Panorama da Educação Bilíngue no município de Goiânia

Os dados do Censo Escolar de 2024 abrangem todo o país. Contudo, é essencial considerar as peculiaridades do Município de Goiânia. Portanto, este capítulo analisará os indicadores da educação especial relacionados a estudantes e professores em Goiânia.

Os dados referentes ao ano de 2024 estão disponíveis apenas em números agregados, sem detalhamento ou desdobramento por categoria. Por esse motivo, para uma análise mais precisa e contextualizada do cenário do município de Goiânia, optou-se por utilizar os dados completos do ano de 2023, fornecidos pelo Instituto Rodrigo Mendes¹², que realiza anualmente pesquisas sobre educação inclusiva.

A pesquisa foi filtrada da seguinte forma:

- Brasil e Regiões: Centro-Oeste
- Unidades da Federação: Goiás
- Municípios: Goiânia
- **Ano: 2023**

Os indicadores analisados referem-se a estudantes e professores, aplicando-se o mesmo filtro.

¹² O Instituto Rodrigo Mendes é uma instituição sem fins lucrativos com atuação de mais de 25 anos e tem como objetivo colaborar para que todos possam ter acesso à uma educação de qualidade. O Instituto atua em áreas de produção de conhecimento, formação de professores e advocacy. Neste trabalho, o Instituto Rodrigo Mendes atua como fonte, por meio da pesquisa do Painel de Indicadores do Projeto Diversa que é uma das iniciativas do Instituto Rodrigo Mendes. O Diversa para realizar o mapeamento da pesquisa conta com o apoio de instituições como a Unicef e Todos Pela Educação do Governo Federal, além de apoio de empresas privadas. O link para acessar o perfil do Instituto Rodrigo Mendes é: <https://institutorodrigomendes.org.br/#nos> e do Projeto Diversa com o painel de indicadores neste link: <https://diversa.org.br/indicadores/>. O acesso de ambos os sites foi realizado em 14 set. 2024

Segundo a pesquisa, no município de Goiânia, estavam matriculados 8.942 estudantes da educação especial, o que representa aproximadamente 3,2% do total de matrículas na rede municipal de ensino. Ao analisar o perfil dos estudantes por tipo de deficiência, os dados revelam que:

- 141 estudantes são surdos
- 140 estudantes possuem deficiência auditiva
- 4 estudantes são surdocegos

Isso totaliza 285 estudantes com deficiência auditiva e surdez em Goiânia.

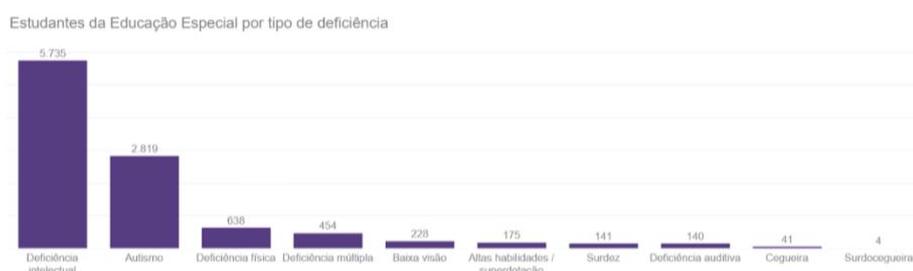


Figura 5: Fonte: Instituto Rodrigo Mendes por iniciativa do Diversa, plataforma que tem como objetivo melhorar a educação inclusiva. Captura de tela feita pela autora.

Analisando o perfil dos professores que interagem diretamente com os alunos, os dados mostram que o município de Goiânia conta com 13.258 professores regentes, que são os professores titulares das salas de aula. Em contraste, apenas 172 desses professores atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ao olhar para o serviço de apoio, o município de Goiânia conta com 275 professores de apoio, preparados para acompanhar os alunos com deficiência. Além disso, o município conta com 58 profissionais que atuam como intérprete de Libras e 1 guia-intérprete. Esses dados revelam que a quantidade de alunos com deficiência auditiva para a quantidade de profissionais especializados é insuficiente para garantir um atendimento adequado.

1.5 Núcleo de Educação Bilíngue de Surdos: a nova política pública de ensino no município de Goiânia

Embora os dados analisados evidenciem uma lacuna no ensino especializado para crianças surdas na rede municipal de Goiânia, uma alternativa promissora foi instituída. No dia 3 de dezembro de 2024, por meio de um decreto, a Secretaria Municipal de Educação criou o Núcleo de Educação Bilíngue de Surdos (NEBS), vinculado à estrutura organizacional da pasta. O núcleo tem como objetivo principal a implantação e implementação do Programa Integrado de Educação Bilíngue e Intercultural de Surdos na Rede Municipal de Educação.

Conforme previsto no Artigo 4º da Portaria nº 593, de 3 de dezembro de 2024, são competências do NEBS:

“Compete ao NEBS propor, implementar, acompanhar e avaliar políticas públicas linguísticas de Educação Bilíngue de Surdos na RME, com o objetivo de assegurar à pessoa surda o acesso e a permanência com qualidade social na Educação, conforme os eixos, metas e ações estabelecidos no Anexo Único desta Portaria.” (Goiânia, PORTARIA Nº 593, 03 DE DEZEMBRO DE 2024).

As metas e ações elencadas na portaria baseiam-se em diretrizes fundamentais para a educação, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, as Diretrizes Nacionais para a Inclusão e Diversidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Documento Curricular para Goiás e o Documento Curricular para Goiânia, além de outros referenciais pertinentes à educação sejam em âmbito nacional, estadual ou municipal.

Nos anexos da portaria, foram definidos sete eixos estruturantes: Currículo, Avaliação e Diagnóstico, Planejamento e Intervenções Pedagógicas, Materiais Didáticos Bilíngues (Libras-Português), Formação Continuada, Acompanhamento Pedagógico e Estudos e Trabalho. Cada eixo contém metas e ações específicas para orientar a execução do projeto pela Secretaria Municipal de Educação.

Além disso, entre os interesses do NEBS está o acompanhamento contínuo das práticas pedagógicas, com vistas a garantir a efetividade das políticas públicas externas para a educação bilíngue. Outro ponto prioritário é a proposição de programas de formação continuada para os profissionais da educação, mudando-os

de capacidade para atuar de forma competente e sensível às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Dessa forma, o Núcleo de Educação Bilíngue de Surdos se apresenta como um marco no planejamento educacional do município, reafirmando o compromisso com a promoção da inclusão e da equidade no sistema educacional, ainda que sua implementação dependa de uma articulação ampla e estruturada para que os objetivos sejam alcançados.

A criação de políticas públicas inclusivas, como o Núcleo de Educação Bilíngue de Surdos, destaca a importância de iniciativas que assegurem a representatividade e a acessibilidade em diferentes esferas sociais. No contexto jornalístico, práticas que priorizem a acessibilidade e promovam a representatividade são fundamentais para reforçar o papel do jornalismo como um agente transformador e inclusivo. O próximo capítulo abordará as interseções entre inclusão e práticas jornalísticas, evidenciando como a produção de informação acessível contribui para a integração social e cultural.

1.6 Acessibilidade e inclusão nas práticas jornalísticas

Este tópico discute os conceitos de cidadania e acessibilidade com foco em como o jornalismo deve integrá-los em suas práticas. Através de uma análise crítica, são discutidas as responsabilidades éticas do jornalismo na promoção de uma comunicação inclusiva e igualitária, destacando a importância de superar preconceitos e estereótipos. Ao conectar esses princípios à prática jornalística, este capítulo ressalta o papel essencial do jornalismo na construção de narrativas que garantam o pleno exercício dos direitos de todos os cidadãos, especialmente das minorias sociais.¹³

¹³ O termo minoria neste trabalho refere-se ao conceito estabelecido pelo sociólogo Mendes Chaves que diz respeito à um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, “maioritário”, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria. Para saber mais sobre o conceito de minoria, pode-se acessar o link: <https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/> O acesso foi realizado em 08 out. 2024.

Sob esta premissa, faz-se necessário observar o conceito de acessibilidade e cidadania. Acessibilidade, que, de acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público,¹⁴ refere-se à possibilidade e condição de alcançar, perceber e entender, utilizando em igualdade de oportunidades, com segurança e autonomia, o meio físico, o transporte, a informação e a comunicação, incluindo os sistemas e tecnologias de informação e comunicação, bem como outros serviços e instalações. Através deste conceito, e trazendo um panorama legal da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Constituição de 1988, que garante a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, independentemente de raça, cor, sexo, idade, origem, religião, opinião política ou qualquer outra forma de discriminação, entende-se que a acessibilidade torna-se um direito humano fundamental na garantia e promoção da inclusão social de pessoas com deficiência, permitindo que elas participem ativamente da vida em sociedade.

O segundo conceito é cidadania e convém ressaltar que tanto acessibilidade e quanto cidadania estão intrinsecamente conectados, pois, ao garantir que todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência, tenham acesso igualitário aos meios físicos, à informação e à comunicação, promove-se o exercício pleno da cidadania. O modelo sugerido por Habermas (1992) para uma sociedade precisaria atender três dimensões da pessoa: individual, cultural e cidadã.

Para os fins deste trabalho, o foco será na concepção política do filósofo acerca da ação comunicativa. Lubenow (2010), sobre análise das obras de Jürgen Habermas (1992), evidencia que a cidadania como ação comunicativa só pode ser plenamente exercida em uma democracia onde os cidadãos tenham a oportunidade de participar de debates públicos, expressar suas opiniões e influenciar as decisões que afetam a coletividade.

“As implicações normativas são evidentes: a força sociointegrativa da solidariedade, que não pode mais ser obtida, mas ser extraída apenas das fontes da ação comunicativa, precisa desenvolver-se em espaços públicos autônomos diversos e procedimentos de formação democrática da opinião e da vontade política institucionalizados juridico-estatalmente; e ser capaz de se afirmar contra os outros dois poderes, dinheiro e poder administrativo.” (Habermas, 1992, apud Lubenow, 2010, p 234).

¹⁴ Definição de acessibilidade retirado do site do Conselho Nacional do Ministério Público com acesso em: 20 set. 2024 por meio do link: <https://www.cnmp.mp.br/portal/acessibilidade>

Neste sentido, vale ressaltar também que Hannah Arendt, postula a ideia de que “cidadania é o direito a ter direitos, pois a igualdade em dignidade e direito dos seres humanos não é um dado. É um construído da convivência coletiva, que requer o acesso a um espaço público comum.” (Arendt, 1949, apud Lafer, 1997, p 58) assim, Arendt aponta que a cidadania não é algo que é recebido automaticamente, mas sim um resultado das interações sociais e do pertencimento a uma esfera pública compartilhada, onde os direitos são construídos e garantidos por meio da participação ativa e do reconhecimento mútuo.

Da mesma forma, Habermas reforça a importância do espaço público e do diálogo democrático como elementos essenciais para a cidadania plena. Ambos os autores sublinham que é no ambiente da esfera pública, por meio da participação e do debate, que os indivíduos podem exercer seus direitos e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

A partir das reflexões de Arendt e Habermas sobre a cidadania e a importância da esfera pública, é possível estabelecer uma conexão direta entre a cidadania plena e os direitos de acesso à informação e à participação social. Esses direitos estão profundamente relacionados aos conceitos de acessibilidade e inclusão, que são fundamentais para garantir que todos, independentemente de suas condições, possam exercer plenamente sua cidadania.

Nesse contexto, Miranda (2018) ressalta que, mesmo após mais de 70 anos da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a luta pela efetivação desses direitos continua essencial. O jornalismo, nesse cenário, desempenha um papel importante ao promover o direito à informação e ao amplificar vozes diversas, atuando como um defensor dos direitos humanos.

Ao compreender que o papel do jornalismo na sociedade contemporânea deve ir além de reproduzir estereótipos, é fundamental que as narrativas jornalísticas considerem diversas vozes e experiências que, historicamente, foram silenciadas ou marginalizadas. Neste sentido, (Medina, 1982, apud Winch, 2018, p. 94) chama atenção para o elitismo cultural que seria o menosprezo pela massa, e o olhar de redundância para os mesmos assuntos e para os mesmos grupos sociais.

Dar espaço e visibilidade a essas vozes significa incluir as especificidades e necessidades de cada grupo. Nesse sentido, Miranda (2018) afirma que, ao ignorar essas particularidades, o jornalismo perpetua violências simbólicas, reforçando a

exclusão social onde uma violação segue a outra – “Distorções da realidade brasileira são constantemente fixadas no imaginário da população que não se vê nos meios de comunicação tradicionais ou é retratada por meio de estereótipos perniciosos” Miranda (2018, p.56).

Para que uma sociedade avance na direção de um ambiente mais inclusivo e respeitador dos direitos humanos, é essencial que todos os indivíduos tenham acesso a meios de expressão e entendimento mútuo. Partindo deste princípio, Miranda (2018, p.57) elucida que “a comunicação é intrínseca à realização dos direitos humanos”, alinhado com o pensamento do autor, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros¹⁵, em seu Art. 1º, diz que os cidadãos possuem direitos fundamentais no que tange ao acesso à informação, incluindo o direito de informar, ser informado e ter acesso à informação.

Sob essa premissa, no exercício da comunicação, é crucial reconhecer que embora o direito esteja em vigor, existem barreiras que dificultam a inclusão plena de pessoas com deficiência na sociedade. Essas barreiras, como aponta Sasaki (1997), são: arquitetônicas, programáticas, metodológicas, instrumentais, comunicacionais, e atitudinais, e precisam ser eliminadas para que todos . possam exercer seus direitos de forma igualitária.

A falta de acessibilidade comunicacional não apenas infringe os direitos das pessoas com deficiência, mas também compromete a prática ética do jornalismo, que deve ser inclusivo e democrático e acessível. A partir desta premissa, os autores Bonito, Santos e Beilfuss, (2017) entendem o jornalismo da seguinte maneira:

“Entendemos que o Jornalismo, a partir do seu papel social de informar e comunicar, bem como, de dar ao receptor a capacidade de criar sua própria opinião e exercer o seu papel de cidadão, deveria considerar as diversidades das pessoas em relação às suas capacidades e habilidades distintas para consumir os conteúdos gerados.” (Bonito, Santos e Beilfuss, 2017, p. 4)

Conforme Bonito, Santos e Beilfuss, (2017) quando há barreiras comunicativas¹⁶ que impedem as pessoas de consumir as informações de maneira equitativa e

¹⁵ O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros pode ser encontrado online através do site da Fenaj por meio do link:

https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf
com acesso em: 26 nov. 2024.

¹⁶ Barreiras comunicacionais neste trabalho referem-se a qualquer obstáculo que dificulta ou impede a comunicação eficaz entre indivíduos ou grupos.

autônoma, os direitos essenciais são comprometidos, o que faz com que o jornalismo perca seu caráter e entre em um estado deficiente de comunicação. Neste sentido, Traquina¹⁷ (2013) permite uma reflexão sobre como o exercício do jornalismo pode assumir uma postura capacitista ao defender a ideia de "tribo jornalística", que se refere às experiências pessoais que moldam tanto as pessoas quanto os jornalistas.

Segundo Traquina (2013), a cultura profissional do jornalismo exerce papel central na orientação da prática jornalística, ainda que os jornalistas levem consigo suas experiências pessoais. Ainda assim, é importante reconhecer que os jornalistas podem carregar, em seus repertórios pessoais, visões de mundo que influenciam a forma como produzem suas matérias. Quando esses vieses não são criticamente analisados, a prática jornalística pode acabar reproduzindo estereótipos e discriminações, como o capacitismo, manifestado tanto na exclusão quanto na representação limitada de pessoas com deficiência nos conteúdos produzidos.

Ao explorar a responsabilidade ética do jornalismo em promover uma comunicação inclusiva e superar preconceitos, introduz-se uma base para a próxima seção que abordará o jornalismo literário, um gênero narrativo que se une ao rigor da reportagem, possibilitando uma forma mais profunda e humanizada de ampliar as vozes das minorias e promover uma compreensão mais abrangente da realidade.

1.7 Jornalismo literário: definição e características

O jornalismo literário, como conhecemos hoje, teve seu desenvolvimento influenciado por diversos fatores históricos, entre eles, a prática dos folhetins. Os "*feuilletons*" em francês, ou folhetins eram uma forma popular de publicação que permitia a difusão de narrativas em jornais, abrangendo desde romances até críticas

¹⁷ Nelson Traquina foi professor de jornalismo e pesquisador dos estudos de jornalismo no Brasil e em Portugal. Traquina desenvolveu uma abordagem crítica e analítica do jornalismo, explorando como os jornalistas constroem as notícias e os critérios que utilizam para selecionar o que será divulgado. Sua obra também analisa o papel do jornalismo na sociedade e a relação entre jornalistas e fontes, destacando os desafios éticos e sociais da profissão.

literárias. Segundo Pena¹⁸ (2016), um dos pioneiros na publicação dos folhetins foi o *Journal des Débats*, que utilizou os folhetos para explorar uma variedade de temas, tornando popular o conteúdo jornalístico da época.

A Revolução Francesa desempenhou um papel crucial nesse processo. Com as transformações sociais e industriais decorrentes do movimento, o jornalismo na França experimentou uma expansão significativa. As mudanças industriais permitiram que a prática jornalística se tornasse um empreendimento lucrativo, pois, como observado por Pena (2016): “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante” (Pena, 2016, p. 5). Essa dinâmica foi fundamental para a expansão do jornalismo literário, tornando-o mais atrativo para um público cada vez maior.

Lima¹⁹ (2010) faz uma distinção importante entre o jornalismo literário e o jornalismo convencional. De acordo com ele, o modelo predominante que acompanhamos no dia a dia é o jornalismo convencional, que se caracteriza por fornecer informações diretas e objetivas sobre diversos temas, como política, esporte, economia e entretenimento. Sobre isso, o autor afirma:

A notícia contém informação. Por ela, você se inteira do que está ocorrendo na política, no esporte, na economia, no show business, no Brasil e no mundo. A notícia dá a você a oportunidade de ficar por dentro do que rola. O jornalismo cumpre esse importante papel com um texto claro, objetivo, geralmente seco e direto. (Lima, 2010, p. 12).

Para Lima (2010), o jornalismo literário vai além do modelo convencional. Segundo o autor, ele se diferencia por criar uma "cena" que envolva o leitor, permitindo que este se sinta imerso na narrativa. O jornalismo literário utiliza elementos típicos

¹⁸ Felipe Pena é jornalista, escritor, psicólogo e professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), com uma vasta experiência acadêmica e prática em comunicação social. Mestre e Doutor em Letras pela PUC-Rio, com pós-doutorado em semiologia da imagem pela Université de Paris/Sorbonne III, sob orientação de François Jost, Pena é autor de várias obras que são positivas para a teoria do jornalismo. Em especial, destacou-se no campo do jornalismo literário, uma vertente que aproxima as técnicas narrativas da literatura à prática jornalística. Entre suas contribuições mais notáveis está o livro *No jornalismo não há fibrose* (2012), onde ele explora a interface entre o jornalismo e a literatura, abordando como a profundidade narrativa e o uso de recursos literários podem enriquecer a construção das reportagens.

¹⁹ Edvaldo Pereira Lima é jornalista, professor e pesquisador com uma trajetória de destaque no campo do jornalismo literário. Graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e com pós-doutorado em Educação pela Universidade de Toronto, Lima é referência na adaptação e desenvolvimento de técnicas narrativas no jornalismo especialmente em livro-reportagem e jornalismo literário.

da narração, como a descrição detalhada de cenários, personagens e acontecimentos, proporcionando uma experiência de leitura.

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata (Lima, 2010, p.16).

Ao abordar a narração, Lima (2010) sugere que estamos constantemente contando histórias em nosso cotidiano. O jornalismo literário se apropria desse processo natural, mas o faz de forma mais refinada, trazendo maiores detalhes à narrativa.

Para que o texto dê conta de contar histórias reais com a riqueza de sentidos típicas de como as coisas de fato acontecem, o jornalismo literário precisa esmerar-se. Por isso trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos – técnicas de como contar as histórias –, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção (Lima, 2010, p.19).

Já mencionado anteriormente, Pena (2006) também oferece uma importante contribuição ao estudo do jornalismo literário ao introduzir a teoria da "estrela de sete pontas". Ao adotar este conceito, o autor defende que a estrela representa os elementos fundamentais que tornam o jornalismo literário como um gênero em profundidade. Ele ressalta que, embora cada uma das sete pontas seja essencial, elas não seguem uma ordem fixa, podendo ser exploradas de maneira flexível, conforme a necessidade de cada narrativa. Isso permite uma abordagem mais dinâmica e criativa dentro do jornalismo literário

A primeira ponta da "estrela" do jornalismo literário, conforme aponta Pena (2006), é a associação entre o jornalismo diário e o literário. O autor ressalta que o jornalismo literário se alimenta da essência do jornalismo factual, utilizando-se das mesmas práticas de apuração, observação e ética. A principal diferença entre o jornalismo diário e o literário reside no nível de aprofundamento dedicado a cada tema. Enquanto o jornalismo diário geralmente apresenta informações de forma mais direta e objetiva, o jornalismo literário permite explorar nuances, detalhes e contextos, proporcionando uma visão mais profunda dos assuntos abordados.

A segunda ponta da "estrela" do jornalismo literário está relacionada à periodicidade e à atualidade. No jornalismo diário, há uma busca incessante pela publicação rápida das notícias, com grande foco na urgência e no cumprimento de

prazos rígidos. Em contrapartida, o jornalismo literário não se prende ao deadline. A ideia de “prazo” é quase inexistente nesse contexto, pois o objetivo é fornecer um panorama abrangente e aprofundado sobre o tema em questão, priorizando a qualidade e a profundidade da informação (Pena, 2006).

A terceira ponta da "estrela" do jornalismo literário se alinha com a segunda no que diz respeito à ausência de pressa e ao foco na qualidade do conteúdo. Em vez de se preocupar com prazos, o jornalismo literário concentra-se em construir uma narrativa rica e contextualizada. Pena (2006) destaca a importância desse processo, afirmando que: “é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração.” (Pena, 2006, p. 7).

Ao relacionar a qualidade do conteúdo com as nuances da literatura, Carvalho, (2016) elucida que: “Na grande reportagem, ao contrário do artigo que só dá notícias, você precisa de uma voz, de ritmo e, claro, de uma boa história. E uma linguagem e estrutura repletas de imaginação. E de imagens.” (Carta, 2003, p.14 apud Carvalho, 2016). Neste sentido, observa-se que no exercício do jornalismo, ter um olhar atento para as singularidades da pauta, fará total diferença na qualidade do texto.

A quarta ponta da estrela faz uma crítica ao lide, *O Que? Quem? Como? Onde? e Por quê?* modelo americano de estabelecer fases da notícia no texto (Pena, 2016). Já para Lima (2003), o jornalismo convencional *não* permite que o jornalista tenha a oportunidade de se envolver com “os personagens e cenários de suas matérias, um foco bastante impessoal, pouco espaço para experimentos de estilo.” (Lima, 2003, p.9). Em contrapartida ao estilo tradicional da mídia, o jornalismo literário aparece como uma nova oportunidade de incorporar recursos e técnicas da literatura.

A quinta ponta da "estrela" refere-se às fontes entrevistadas que aparecem nas reportagens, um aspecto que diferencia o jornalismo diário do jornalismo literário. Segundo Pena (2006), as fontes primárias no jornalismo tradicional costumam ser figuras de autoridade, como governadores, ministros, advogados e psicólogos. Em contrapartida, o jornalismo literário amplia o leque de vozes, dando espaço para aqueles que muitas vezes ficam em segundo plano nas reportagens, permitindo que suas perspectivas sejam ouvidas, é neste sentido que Lima, (2003) ressalta que o jornalismo literário:

“Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto” (Lima, 2003, p.10)

A sexta ponta da "estrela" faz um comparativo com a publicação de livros renomados, referindo-se à durabilidade e permanência do conteúdo. Pena (2006) destaca que um bom livro pode atravessar gerações, permanecendo relevante ao longo do tempo. Da mesma forma, uma narrativa literária que cumpre seu papel também tem o potencial de se manter viva, ultrapassando as barreiras da periodicidade e do espaço tempo.

Como última ponta da estrela, outro aspecto relevante que Pena (2006) destaca é o papel do jornalismo como agente ativo na promoção da cidadania. Ele argumenta que, ao abordar um tema específico, o jornalismo deve fazê-lo de maneira que promova o “espírito público” e respeite o bem comum. Isso implica em oferecer ao leitor uma perspectiva que contribua para a formação de uma consciência crítica e participativa, conectando esta parte da estrela com jornalismo e acessibilidade.

Embora o jornalismo literário seja um gênero expressivo e abrangente, Lima (2003) traz uma importante reflexão sobre seu uso nas redações contemporâneas. No Brasil, é observado que as redações utilizam pouco esse formato. No entanto, há um lado promissor: o jornalismo literário tem potencial de crescimento, uma vez que existe espaço para expandir esse gênero. Lima (2003) destaca que, ao utilizar a internet para contribuir o formato, abre-se uma oportunidade para jornalistas empreendedores explorarem novas abordagens, sem perder de vista o rigor ético e as características que tornam o jornalismo literário um gênero que vai além da notícia básica, profundidade e relevância no contexto social em que atua.

1.8 Jornalismo como dispositivo nos Meios Digitais

O advento do jornalismo na internet marcou uma revolução na forma como as notícias são produzidas, distribuídas e consumidas. Com o surgimento recente da World Wide Web (www) na década de 90, a internet permitiu que as notícias fossem

divulgadas em tempo real, acessíveis a um público global a qualquer momento, Rasêra (2010).

No contexto do surgimento da internet como uma nova plataforma para a comunicação, o jornalismo começou a explorar as possibilidades do ambiente digital. Entretanto, os pesquisadores da área de comunicação e jornalistas da época pensavam que a publicação seria apenas “modismos e assim não mereciam ser levadas a sério” (Rasêra, 2010, p. 2).

No entanto, a visão predominante no século passado passou por uma transformação significativa. Rasêra (2010) explica que, atualmente, os veículos de comunicação adotaram as plataformas online, publicando notícias e reportagens na internet, ao mesmo tempo em que mantêm a versão física por meio da impressão. A autora revela ainda que “o meio digital propicia a viabilização de produzir e distribuir conteúdo multimídia de forma rápida e precisa a fim de possibilitar a interatividade e com isso, despertar o interesse e a participação do público” (Rasêra, 2010, p. 3).

Com a consolidação da internet como uma ferramenta favorável para o jornalismo digital, a integração das plataformas online não apenas transformou a maneira como as notícias são divulgadas, mas também introduziu novas características que definem o ciberjornalismo. Canavilhas ²⁰(2014) destaca sete características principais da internet: hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização, memória, instantaneidade e ubiquidade. Essas características, são fundamentais para entender como o jornalismo digital se diferencia dos modelos tradicionais.

A hiperligação, segundo Canavilhas (2014), estabelece conexões entre blocos informativos, atuando como um importante elemento de contextualização. No entanto, seu papel vai além da simples ligação entre conteúdos: ela introduz uma lógica de navegação não linear, na qual o leitor deixa de seguir uma estrutura rígida e sequencial, característica dos textos tradicionais para adotar um percurso mais fluido, interativo e personalizado. Esse rompimento com a linearidade tradicional permite que

²⁰ João Canavilhas é autor do livro Webjornalismo 7 características que marcam a diferença. Nele, é possível compreender as principais diferenças entre o jornalismo tradicional e o webjornalismo, através de sete elementos que são utilizados em notícias ou reportagens no ambiente digital. O livro no formato digital está disponível online através do link: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf Com acesso em: 31 ago. 2024.

o usuário escolha sua própria trajetória dentro do conteúdo, explorando diferentes camadas de informação conforme seu interesse.

Nesse sentido, a hipertextualidade, como explica Salaverría (2005), é a capacidade de conectar textos digitais entre si por meio de nós e links. Esses elementos criam uma rede textual dinâmica, em que nenhum caminho é pré-determinado, possibilitando múltiplas leituras e interpretações. A ideia se aproxima da concepção de textualidade de Roland Barthes (1970), segundo a qual o “texto ideal” é composto por redes que interagem sem hierarquia fixa, permitindo que o leitor atue como coautor ao definir seu percurso de leitura. Portanto, ao incorporar a hiperligação, o webjornalismo não apenas enriquece a experiência do leitor com fontes e conteúdos adicionais, mas também inaugura uma forma de leitura descentralizada, aberta e participativa.

A possibilidade de integrar elementos na linguagem segundo Salaverría (2014, p. 33) é uma oportunidade de “combinar distintos modos de expressão”. Nesse sentido, o autor sugere oito elementos multimídia 1) texto; 2) fotografia; 3) gráficos), iconografia e ilustrações estáticas; 4) vídeo; 5) animação digital; 6) discurso oral; 7) música e efeitos sonoros; 8) vibração. A integração desses elementos amplia as formas de engajamento com o público, permitindo uma experiência de consumo de informação mais imersiva e adaptada aos diferentes sentidos e preferências dos usuários.

Alinhado com a multimídia, outro conceito dentro do cenário do ciberjornalismo é a interatividade. A interatividade, nesse cenário, emerge como um elemento fundamental que redefine o jornalismo digital e permeia todas as formas de prática jornalística. Como bem pontua Rost (2014 p. 53), “o contacto, a participação e o conteúdo que os utilizadores partilham, contribuem para definir as formas que o jornalismo atual adota.”

Dentre os exemplos de interatividade, a possibilidade de interação com o conteúdo por meio de comentários em notícias online é uma das formas mais comuns e visíveis. Os leitores têm a oportunidade de expressar suas opiniões, fazer perguntas e engajar em discussões com outros usuários e, ocasionalmente, com os próprios jornalistas (Rost, 2014).

O conceito de personalização parte da premissa de os leitores agora têm a capacidade de selecionar e adaptar o conteúdo de acordo com seus interesses e

preferências, criando uma experiência de consumo mais individualizada e contínua, (Lorenz, 2014). Além disso, escolhas como veículos ou tamanho do texto são estratégias para fidelizar o usuário, demonstrando que os administradores do meio de comunicação valorizam suas preferências e desejam incentivá-lo a retornar e continuar consumindo conteúdo (Rost, 2014).

A memória, segundo Mielniczuk (2004), além de ser uma característica intrínseca do jornalismo, representa também uma ruptura significativa na área. Antigamente, para acessar arquivos antigos, era necessário recorrer a armazenamentos internos das redações. Hoje, entretanto, todo esse conteúdo está disponível na internet, englobando reportagens de televisão, programas de rádio, fotografias e matérias publicadas pelo ciberjornalismo.

A instantaneidade, por sua vez, está diretamente relacionada à velocidade com que as notícias são noticiadas, característica essencial no cenário jornalístico contemporâneo. Em um ambiente cada vez mais competitivo e conectado, a rapidez na divulgação da informação tornou-se um diferencial determinante entre os veículos de comunicação. A lógica da "notícia em tempo real" exige que jornalistas e redações estejam constantemente atentos aos acontecimentos, prontos para informar o público quase simultaneamente ao fato. Essa agilidade está ligada não apenas ao avanço das tecnologias digitais, como também às expectativas de uma audiência que deseja acesso imediato aos acontecimentos, muitas vezes em tempo real, por meio de redes sociais, aplicativos de notícias e transmissões ao vivo como ressalta Bradshaw: “a velocidade foi sempre algo intrínseco ao jornalismo – a notícia é, afinal, algo novo para alguém – e isto significa ser o primeiro a contar o fato ocorrido à audiência (Bradshaw, 2014 p.111). Dessa forma, a instantaneidade se configura como um valor central do jornalismo atual, moldando práticas profissionais e o próprio consumo de informação

No âmbito do consumo, o comportamento do consumidor de notícias mudou drasticamente nas últimas décadas e continua em transformação. Definitivamente afetado pela vantagem competitiva sobre o consumo, o ritmo do nosso consumo de notícias tem se tornado tão regular que mal temos consciência disto: passamos de uma irregular mas pronunciada batida para uma constante estática (Bradshaw, 2014 p.112).

E por fim, o último conceito destacado sobre o webjornalismo segundo Canavilhas (2014), é o conceito de ubiquidade. Segundo Pavlik (2014), ubiquidade

significa “ser encontrado em todo lugar”. Neste sentido, no ciberjornalismo este conceito diz respeito a ter acesso a qualquer informação sejam elas notícias ou entretenimento.

“Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet.” Pavlik (2014, p.160).

Após mais de duas décadas de jornalismo inserido nos meios digitais, Longhi (2014) elucida a evolução do jornalismo, que abrange desde as estratégias tecnológicas até a preocupação com o formato da notícia no ambiente online e digital de informação. A partir dos anos 2000, observou-se que os elementos multimídia disponíveis online começaram a se integrar às narrativas jornalísticas publicadas desde então.

Produtos noticiosos hipermediáticos, ou seja, que utilizam as características da multimídia e do ambiente digital da web, surgiram em meados do ano 2000. Desde então, o avanço das ferramentas e tecnologias de acesso à web, assim como plataformas como PCs, tablets e celulares, tornaram mais fácil o acesso ao jornalismo, que se tornou onipresente no cotidiano, o *slideshow* noticioso e os primeiros produtos noticiosos *multimidiáticos*, no início dos anos 2000 (Longhi, 2014).

Dado o cenário de convergência das mídias por meio da fusão dos diferentes elementos que passaram a compor o corpo da notícia no meio digital nos últimos anos, o avanço tecnológico e a popularização da internet trouxeram profundas mudanças na forma como consumimos e produzimos informação.

A migração dos veículos tradicionais para plataformas digitais não apenas ampliou o alcance das notícias, mas também possibilitou a criação de novos formatos que vão além do texto impresso ou das transmissões audiovisuais convencionais. Nesse contexto, surgem os produtos informativos que exploram as potencialidades do ambiente digital, integrando múltiplas linguagens e oferecendo ao usuário uma experiência de consumo interativa e multifacetada. Nesse sentido, Longhi (2014), define as características da hipermídia como:

“aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens

próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação. Longhi, (2014, p 14).

Com as mudanças no cenário digital e a crescente adaptabilidade do usuário em relação ao consumo de informação, Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) destacam que a convergência de linguagens, como o uso de fotos, vídeos e áudios, facilitou a experiência de consumo mais fluida. Essa integração do jornalismo nos meios digitais abriu novas possibilidades para a produção e publicação de conteúdo online. Complementando essa visão, Canavilhas (2007) sugere que as tecnologias e as demandas sociais são forças motrizes que influenciam todas as etapas do processo jornalístico.

1.9 **Longform: História, Conceitos e Exemplos**

A partir da integração entre o jornalismo digital e das características multimídias, surge uma nova abordagem usada para se publicar as narrativas jornalísticas. O termo *Longform Journalism*, ou jornalismo de forma longa é definido por Miranda, Baldessar, e Cavenaghi (2015) como: “formato narrativo que reúne em um formato multimídia diferentes linguagens, como o texto, o áudio e o vídeo de forma interativa” (Miranda, Baldessar, e Cavenaghi, 2015, p. 5)

A reportagem *Snow Fall: the avalanche at Tunnel Creek*²¹, publicada pelo *New York Times* em 2012, exemplifica um marco no jornalismo digital ao integrar texto, gráficos interativos, vídeos e outras mídias, criando uma experiência narrativa imersiva que, segundo Baccin ²²(2017), simboliza um avanço significativo para o jornalismo contemporâneo.

²¹ Reportagem *Snow Fall: the avalanche at Tunnel Creek*, publicada pelo *New York Times*. Disponível no link: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek> Acesso em 10 set. 2024

²² Alciane Baccin é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - Brasil), cotutela com o Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade da Beira -Interior (UBI - Portugal). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos- Brasil) e especialista em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - Brasil). Jornalista.

A reportagem narra, com inúmeros detalhes, o acidente da avalanche de neve em Washington, nos Estados Unidos (Miranda, Baldessar e Cavenaghi, 2015). A publicação de 2012 desafiou e quebrou o paradigma de que, no ambiente digital, os leitores se limitam a consumir apenas pílulas de notícias, demonstrando que há, sim, espaço para a leitura de conteúdos aprofundados e mais extensos.

Tal informação é comprovada pelos números de acesso da reportagem *Snow Fall*.²³ Segundo a editora-chefe do jornal na época, Jill Abramson, a reportagem recebeu cerca de 2,9 milhões de visitas e mais de 3,5 milhões de *page views*. Baccin (2017) afirma que a notícia sobre os 16 esquiadores de elite norte-americanos, dos quais 3 foram soterrados, já seria por si só interessante. No entanto, o sucesso da longa reportagem estava no suporte utilizado. Como Baccin (2017) destaca: “com quase 20 anos de jornalismo na web, não era comum esse modelo narrativo ser explorado no ambiente digital.” (Baccin, 2017, p 95).

Ritter (2014) endossa a relevância das grandes reportagens multimídia no jornalismo online, ao destacar que elas articulam diversos tipos de linguagem, aproveitando ao máximo os recursos disponíveis no meio digital. Baccin (2017) também observa que, historicamente, o formato *longform* era predominante em jornais impressos, televisão e rádio, mas com a popularização dos dispositivos móveis, o acesso a esses conteúdos se tornou mais conveniente e acessível. Ela afirma que “é mais fácil pegar o tablet e sentar no sofá para ler a notícia do dia ou uma reportagem em formato longo, do que ir para frente do computador e acessar o site do jornal ou da revista para ler essa mesma notícia” (Baccini, 2017, p. 94). Essa mudança reflete a adaptação do jornalismo às novas tecnologias e ao comportamento do público, marcando uma nova era na forma como consumimos informações.

Nesse contexto de transformação, surgem novas definições sobre a *longform*. Alguns pesquisadores definem também pela quantidade de palavras utilizadas, tendo como ponto de partida a utilização mínima de 4.000 palavras, ou ainda reportagens entre 10 e 20 mil palavras, segundo Longhi (2014). Meyer (2012) compara o formato *longform* a partir da variação de tamanho entre uma matéria de revista ou até mesmo um livro.

Quanto às principais características do *longform* Baccini (2017) diz:

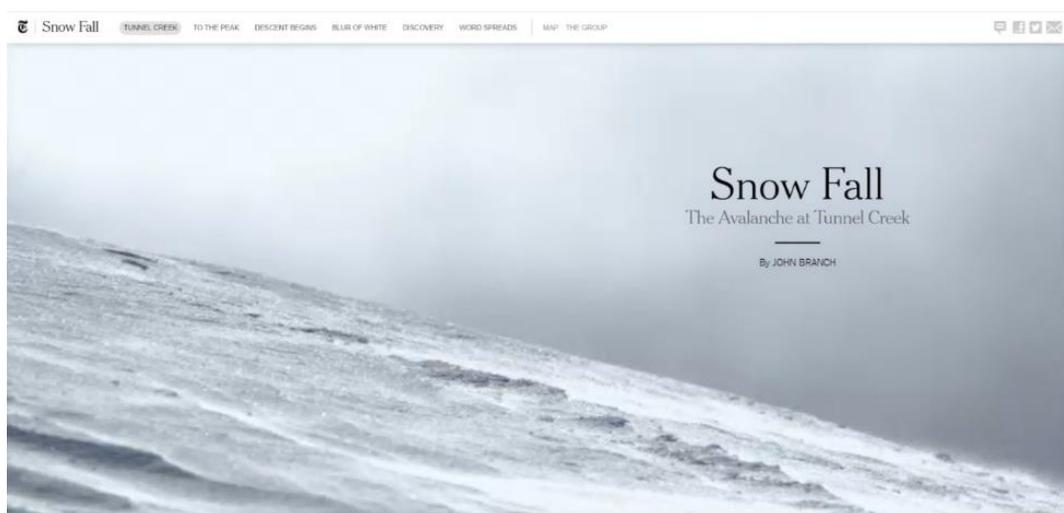
²³ Tradução do título da reportagem: *Snow Fall: the avalanche at Tunnel Creek: A bola de neve: a avalanche em Tunnel Creek*

“Quanto à dimensão: Narrativa longa, período de produção estendido, exigência de longo tempo de leitura. Quanto aos Recursos Técnicos: design responsivo, predominância da verticalização/paralaxe, utilização do efeito cortina; Quanto aos Elementos de qualidade: aprofundamento do tema, contextualização/memória, imersão, uso de base de dados, humanização da narrativa, hipertextualidade, multimídia e interatividade”. (Baccini 2017, p. 97)

Na produção de conteúdo jornalístico, especialmente em formatos *longform*, a escolha de um design flexível é crucial para garantir uma experiência de leitura envolvente e acessível. Esse tipo de design permite a integração de diversos elementos multimídia, que são fundamentais para enriquecer a narrativa e manter a atenção do leitor. Como argumenta Baccini (2017), "pois é o caminho mais aberto e que oferece múltiplas oportunidades, pois além do design flexível comporta elementos de qualidade essenciais para a narrativa hipermídia *longform*" (Baccini, 2017, p.97).

Nesse sentido, surge dentro do formato *longform* a possibilidade de navegação e paralaxe²⁴. Baccini (2017) ressalta que a construção do design pensado tanto para site como para dispositivos móveis facilita a arquitetura da notícia com a navegação mais intuitiva.

Diante destes conceitos, a página inicial do projeto *Snow Fall* exemplifica o uso de recursos multimídia, combinando texto e menu de navegação. O sucesso da longa reportagem *Snow Fall* também se deve à adoção desses recursos multimídia, que, combinados com uma narrativa aprofundada e uma contextualização rica, proporcionaram uma imersão completa para os leitores.



²⁴ Paralaxe no webdesign é entendido como uma ilusão de ótica que dá a impressão de que objetos, pessoas, ou elementos da página online estão em movimento, seja mais próximo ou afastado.

Figura 6: Página inicial do projeto multimídia *Snow Fall*, exemplo pioneiro de narrativa imersiva publicada pelo *The New York Times* em 2012. Captura de tela feita pela autora.

A reportagem fez uso de paralaxe para criar um efeito visual dinâmico, como a neve caindo, que reforça o tema proposto. À medida que o leitor avança pelos capítulos, os elementos multimídia como fotos e vídeos, além de gráficos interativos, são estrategicamente utilizados para complementar o texto, proporcionando uma experiência visual para os leitores.

Um dos momentos mais impressionantes de *Snow Fall* é a simulação da avalanche, onde os leitores veem uma bola de neve crescendo na tela, dando a sensação de estar realmente participando da experiência. Esse uso de recursos visuais e interativos ilustra como o jornalismo pode transcender o formato tradicional para criar uma narrativa mais imersiva.

A partir desse exemplo, outras publicações passaram a explorar as potencialidades da narrativa *longform*, experimentando novos recursos técnicos e abordagens editoriais para criar conteúdos. No Brasil, houve uma grande adesão às longas reportagens. Veículos de comunicação como *Folha de S.Paulo*, *Nexo Jornal*, *Agência Pública*, *UOL* e outros passaram a utilizar as características da longa reportagem como recurso jornalístico e literário para abordar temas mais complexos, que não se encaixam no factual do dia a dia.

Um dos veículos pioneiros que aderiram à longa reportagem foi a *Folha de S. Paulo* com a reportagem *A Batalha de Belo Monte*.²⁵

²⁵ A Batalha de Belo Monte, exemplifica o formato de longa reportagem como uma das pioneiras no país. A reportagem está disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>. O acesso foi realizado em: 11 set. 2024



Figura 7: Página inicial do projeto multimídia *A Batalha de Monte Belo*, publicada pela Folha de S. Paulo. Captura de tela feito pela autora.

Publicada em 2013, a reportagem especial aborda a construção de uma das maiores hidrelétricas do mundo, localizada em Altamira, no Pará, e está dividida em cinco capítulos que exploram diferentes aspectos do projeto, desde seus impactos socioambientais até a controvérsia envolvendo populações locais, ambientalistas e o governo. Na página inicial, abaixo do título, é enumerada a quantidade de recursos utilizados: 24 vídeos, 55 fotos, 18 infográficos e outros recursos visuais.

Um outro exemplo, que contempla design e personalização do usuário é a longa reportagem *Sozinhas*²⁶ do Diário Catarinense. Neste exemplo, acompanhamos a história de quatro mulheres que vivem em zona rural no interior de Santa Catarina e que compartilham as dores causadas pelas inúmeras violências que sofreram ao longo de suas vidas.

Na página inicial de *Sozinhas*, somos apresentados a quatro fotos diferentes. Na parte superior esquerda, também há um menu de navegação.

²⁶ *Sozinhas*, reportagem do Diário Catarinense, publicada em 2017, é um outro exemplo de longa reportagem. Ela se utiliza de fotos, vídeos, áudios, infográficos e outros elementos para compor a narrativa. A reportagem está disponível em: https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/violencia_contra_mulheres_do_campo/sozinhas.html O acesso foi realizado em 11 set. 2024.



Figura 8: Página inicial do projeto multimídia Sozinhas publicada pelo Diário Catarinense. Captura de tela feito pela autora.

Ao clicar em uma das fotos da página inicial, encontramos um resumo sobre a história da personagem, é possível ouvir também parte do áudio gravado na entrevista e ainda, ler a história completa da personagem.



Figura 9: Captura de tela após clicar em uma das fotos disponíveis na página inicial. Captura de tela feito pela autora.

Esse formato, que combina texto com elementos multimídia, oferece ao leitor uma experiência mais personalizada e interativa. Ele permite que cada pessoa escolha como deseja extrair o conteúdo, seja focando apenas no texto, explorando vídeos e gráficos interativos, ou navegando pelas fotos e depoimentos. Dessa forma, o leitor tem a liberdade de moldar uma narrativa de acordo com seus interesses e ritmo.

Essa abordagem também valoriza as preferências individuais, permitindo que alguns leitores priorizem informações visuais enquanto outros podem preferir uma leitura mais profunda. O resultado é uma experiência imersiva que atende a diferentes formas de coleta de informação, aumentando o impacto da mensagem e a conexão com o tema abordado.

1.10 Interações entre *Longform* e Jornalismo Literário

Após refletir de maneira separada sobre jornalismo literário e *longform*, urge, pelo teor desta pesquisa, relacionar os assuntos entre si, pois entende-se que para uma boa produção de *longform* como estrutura de produto, é necessário portanto apropriar-se dos recursos do jornalismo literário para que se tenha uma boa longa reportagem.

A narrativa *longform* e o jornalismo literário se conectam ao oferecer uma abordagem imersiva e reflexiva para contar histórias. Nesse contexto, uma longa reportagem com publicação online fornece o espaço necessário para que uma narrativa se desenvolva com maior profundidade e riqueza de detalhes. Baccini (2017) ressalta que o ato de narrar é uma habilidade intrínseca ao ser humano, um ponto que também é reforçado por Lima (2010), ao destacar que estamos constantemente contando histórias em nosso cotidiano.

Nesse contexto, o universo online se torna uma ferramenta importante para sustentar as narrativas, pois a estrutura narrativa digital pode ser entendida como um sistema narrativo dinâmico, capaz de mudar e evoluir (Bertocchi, 2014). A sobrevivência dessa narrativa depende de sua capacidade de se ajustar e interagir com outros sistemas ao seu redor, como a tecnologia, o público e o contexto social. Sob essa premissa, Bertocchi, (2014), entende as narrativas digitais como: “um sistema aberto, adaptativo, complexo, uma vez que a sua sobrevivência depende da adaptabilidade de sua estrutura em relação aos demais sistemas em seu entorno, com os quais interage” (Bertocchi, 2014, p.5). Sob este olhar, entende-se que uma narrativa jornalística digital propicia suporte para publicação em profundidade

Sob essa perspectiva, entende-se que as narrativas jornalísticas digitais oferecem suporte para publicações aprofundadas, como no caso do *longform*, que se caracteriza por ser uma experiência imersiva. Além disso, as narrativas digitais, combinadas com outros elementos como fotos, vídeos, infográficos por exemplo, tornam esses produtos cada vez mais acessados.

No âmbito das narrativas digitais, a relação entre o texto e o leitor vai além da simples decodificação de palavras. O ato de ler envolve a construção de um universo imaginário que é moldado não apenas pelas informações explícitas no texto, mas

também pela bagagem cognitiva, cultural e pessoal de quem lê (Lima, 2010). A experiência de leitura torna-se, assim, uma interação ativa entre o conteúdo textual e o mundo interior do leitor, que utiliza seu conhecimento prévio e suas experiências para preencher lacunas e dar vida ao que está sendo narrado. Nesse sentido, Ryan (2001, p. 91 apud Costa, Brasil, 2017, p. 151) ressalta que:

A ideia de um mundo textual pressupõe que o leitor constrói em sua imaginação um conjunto de objetos independentes da linguagem, utilizando como guia as declarações textuais, mas sempre construindo uma imagem incompleta em uma representação mais vívida através de importantes informações recebidas e internalizadas por modelos cognitivos, mecanismos de inferência, experiência da vida real e conhecimento cultural, incluindo conhecimento derivado de outros textos. (Ryan, 2001, p. 91 apud Costa, Brasil, 2017, p. 151).

Ainda sobre as experiências de leitura, Lima (2010) defende que o jornalismo literário tem como função essencial provocar o leitor, incentivando-o a expandir seu repertório linguístico e suas experiências de vida por meio das narrativas apresentadas. Essas histórias ajudam a enriquecer e aprimorar sua visão de mundo.

“Isso, por sua vez, está associado obrigatoriamente à capacidade de um texto expressar uma experiência de mundo com vigor e lucidez, contribuindo para que o leitor amplie –simbólica e intelectualmente, pelo menos – sua compreensão e sua própria experiência sobre o mundo, sobre os semelhantes ou sobre si mesmo, ou sobre tudo isso combinado.” (Lima, 2010, p. 34).

A capacidade de construir um mundo textual está diretamente relacionada ao conceito de visualização que é central tanto no *longform* quanto no jornalismo literário. Ambos os formatos buscam oferecer uma experiência rica e detalhada, na qual o leitor não consome apenas as informações, mas também vivencia a história de maneira mais profunda (Baccini, 2017). O uso de técnicas narrativas mais elaboradas, como a construção de personagens, cenários e diálogos, aproxima o jornalismo literário mantendo seu compromisso com o leitor (Lima, 2010).

“Pois um outro segredinho do jornalismo literário é assumir que tudo pode ser ao mesmo tempo as duas coisas. Tudo tem seu lado extraordinário – talvez escondido por detrás de aparências absolutamente normais –, tudo tem seu lado ordinário – apesar da ilusão de puro glamour. Tudo pulsa com vida. E é tarefa do escritor da vida real revelá-la, na sua complexidade às vezes desconcertante.” (Lima, 2010, p. 35, 36)

No contexto das narrativas digitais, especialmente aquelas que se integram ao jornalismo literário e ao formato *longform*, é fundamental compreender os

componentes estruturais que permitem a criação de uma experiência mais rica e interativa para o leitor (Baccini, (2017)). Essas diferentes narrativas utilizam recursos digitais para envolver o público de maneira mais profunda, oferecendo uma leitura que vai além do texto linear.

A combinação de múltiplas mídias, o uso de links interativos e a capacidade de envolver o leitor em uma construção colaborativa da história são características que tornam essas narrativas mais dinâmicas e imersivas. Nesse sentido, Baccini (2017) evidencia que:

“A estruturação dessas narrativas analisadas é sustentada por algumas características que permitem que outras existam. Essas características essenciais são: a base de dados, a hipertextualidade, a multimídia e a interatividade. São essas quatro características qualitativas detectadas que garantem o caráter hipermídia da narrativa.” (Baccini, 2017, p. 97).

E por fim, Baccini (2017) argumenta que as narrativas digitais, especialmente no formato *longform*, permitem ao jornalismo digital se reinventar, oferecendo um produto mais qualificado e adequado às novas exigências técnicas e às possibilidades oferecidas pela web e dispositivos móveis.

Quanto ao jornalismo literário, Lima (2010) propõe uma reflexão sobre a necessidade de sua reinvenção no século XXI. Ele defende que é preciso encontrar um equilíbrio na produção de conteúdos jornalísticos, enfatizando que:

“É uma questão de acompanhar e contar as histórias maravilhosas de gente muito bacana – pessoas famosas ou anônimas – que está ajudando uma nova história a acontecer: a ativação do nosso potencial pleno como seres humanos.” (Lima, 2010, p. 136).

Pois, segundo o autor, quando o jornalismo literário utiliza a arte de narrar os fatos da vida real, cumpre o propósito de "contribuir para a co-construção de um mundo efetivamente melhor." (Lima, 2010, p. 136).

2 DESCRIÇÃO DA LONGFORM

2.1 Justificativa do título do trabalho

O título “Silêncio dos Girassóis: histórias que os números não contam sobre a surdez” foi escolhido por reunir duas dimensões fundamentais do jornalismo literário: a força simbólica da linguagem e a clareza temática.

A metáfora dos girassóis remete à imagem de um grupo que, mesmo em silêncio, busca a luz, a visibilidade e o reconhecimento. Assim como os girassóis seguem o sol, as pessoas surdas seguem, em sua trajetória, a busca por inclusão, por escuta verdadeira não apenas auditiva, mas social, política e humana. O uso da palavra “silêncio” neste contexto não se refere à ausência ou incapacidade, mas sim ao modo como a sociedade frequentemente invisibiliza essa população, mesmo quando ela se expressa plenamente por outras linguagens, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A linha fina “histórias que os números não contam sobre a surdez” complementa e ancora o título poético, trazendo clareza jornalística à proposta. Ela evidencia que o foco da longform vai além dos dados estatísticos: busca dar voz às vivências, expor os desafios cotidianos e ampliar a compreensão da surdez como uma experiência identitária e cultural, não apenas clínica.

Portanto, a combinação entre título e subtítulo permite atrair o leitor com sensibilidade, ao mesmo tempo em que cumpre a função informativa e posiciona o conteúdo dentro da linha do jornalismo narrativo.

2.2 Justificativa da Identidade Visual

A concepção estética deste produto foi cuidadosamente planejada em tonalidades de azul, escolhidas com base em critérios simbólicos e funcionais. Essa

paleta cromática remete aos símbolos universais de acessibilidade criados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que buscam representar, de maneira padronizada, diversas demandas de inclusão, como o acesso à informação, aos serviços, às tecnologias de comunicação e aos espaços físicos. No contexto brasileiro, esses ícones seguem as diretrizes da norma 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)²⁷, consolidando sua aplicação em iniciativas voltadas à acessibilidade.

Além de seu valor simbólico institucional, o azul carrega um significado histórico e afetivo para a comunidade surda. Durante o regime nazista, pessoas com deficiência, incluindo surdos, eram identificadas com uma faixa azul, sendo tratadas de forma desumana. Com o tempo, essa cor foi ressignificada e transformada em emblema de resistência e valorização identitária. Esse processo teve um marco simbólico no XIII Congresso da Federação Mundial dos Surdos, realizado em 1999 na Austrália, quando o pesquisador e líder surdo Paddy Ladd ²⁸ utilizou, pela primeira vez, uma fita azul em homenagem às vítimas da opressão. O gesto deu origem à *Blue Ribbon Ceremony*,²⁹ um momento de reconhecimento e memória que perdura até os dias atuais como símbolo da luta e da vitalidade cultural da comunidade surda.

Assim, ao optar pelo azul como base da identidade visual, este projeto busca reverenciar trajetórias de resistência e reafirmar o compromisso com a valorização das diversidades. A escolha reforça o respeito à luta por direitos, celebra a superação de adversidades históricas e promove a inclusão como princípio estruturante.

A seleção dos tons específicos de azul foi realizada por meio da plataforma *Adobe Color*, ferramenta profissional que aplica os fundamentos da teoria das cores

²⁷ A norma NBR 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelece critérios e parâmetros técnicos para que o meio urbano e rural seja acessível a todas as pessoas independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção de forma autônoma, segura e independente. A norma abrange diversos aspectos, como: Dimensionamento de cômodos, rampas de acesso, puxadores e maçanetas para pessoas cegas, sinalização de que a entidade ou estabelecimento possui recursos em Língua Brasileira de Sinais, símbolos e desenhos representando diferentes grupos de pessoas.

²⁸ Paddy Ladd é um dos maiores pesquisadores e ativistas da comunidade surda. O pesquisador criou e desenvolveu o conceito de Deafhood, que trata da afirmação e reconhecimento dos surdos de forma positiva, ajudando na ressignificação do “ser surdo”. Além das atividades acadêmicas e de pesquisa, Paddy Ladd também esteve durante um período vinculado à banda norte-americana Grateful Dead. A função de Ladd – que é surdo, era fazer a interpretação de sinais durante os shows do grupo de rock californiano. Com informações de: <https://unintese.com.br/blog/quem-foi-paddy-ladd> Acesso em 16. jan. 2025.

²⁹ Tradução de Blue Ribbon Ceremony - Cerimônia da Fita Azul

para a construção de paletas visuais harmônicas. Essa decisão estratégica assegurou a coerência estética do material, conferindo-lhe sofisticação, legibilidade e adequação comunicativa.



Figura 10: Ilustração do Girassol utilizado no produto

2.3 Cores

Os códigos e significado³⁰ das cores são:

Azul claro (#BCE5FF): Associado à segurança, comunicação e tranquilidade. Proporciona uma sensação de confiança e favorece o equilíbrio visual, especialmente em contraste com tonalidades como o amarelo e o bege.

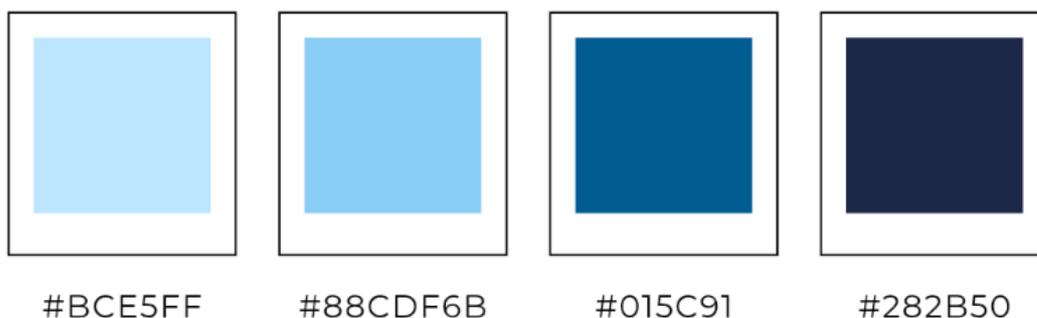
Azul pastel suave (#88CDF6): Evoca leveza, serenidade e suavidade. Carrega significados como paz, pureza e segurança emocional, promovendo uma atmosfera acolhedora.

Azul escuro médio (#015C91): Transmite profissionalismo, seriedade e estabilidade. Relaciona-se a valores como responsabilidade, sabedoria e organização, reforçando a credibilidade do projeto.

Azul intenso (#282B50): Sugere harmonia, criatividade e liberdade. Seu tom vibrante acrescenta dinamismo e acessibilidade visual, sem abrir mão da elegância.

³⁰ O livro *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*, de Eva Heller, analisa como as cores influenciam sentimentos, comportamentos e decisões humanas, reunindo dados de estudos empíricos e culturais sobre o simbolismo das cores em diversas áreas da vida cotidiana.

Além disso, a cor branca foi escolhida como cor predominante no site por sua capacidade de transmitir leveza, simplicidade e clareza visual. Além de proporcionar um ambiente limpo e agradável para a leitura, o branco facilita a harmonização com outros elementos gráficos, como textos, imagens e ícones, garantindo uma navegação mais intuitiva e acessível ao usuário



11 - Paleta de Cores do Site. - Produção da autora

2.4 Elementos visuais

A identidade visual é enriquecida com a presença simbólica do girassol, flor que, além de ser uma preferência pessoal, possui significados amplamente reconhecidos no campo da acessibilidade. Em 2016, o girassol passou a ser utilizado como ícone de deficiências ocultas³¹ por meio do cordão desenvolvido pela organização *Hidden Disabilities Sunflower*, em resposta a uma demanda do aeroporto de *Gatwick*, no Reino Unido. A proposta visava oferecer uma ferramenta de inclusão simples e eficaz.

No Brasil, o cordão foi reconhecido oficialmente pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência em 17 de julho de 2023, por meio da inclusão do Artigo 2º-A na Lei 13.146/2015: *"É instituído o cordão de fita com desenhos de girassóis como símbolo*

³¹ Deficiências ocultas são aquelas imperceptíveis a olho nu, como é o caso de deficiências auditivas, visuais, intelectuais, paralisia cerebral ou de pessoas que estão dentro do espectro autista, entre outras possibilidades.

nacional de identificação de pessoas com deficiências ocultas." (BRASIL, Estatuto da Pessoa com Deficiência, Decreto-Lei nº13.146/2015, Brasília 17 de julho de 2023). O texto ressalta, ainda, que o uso do cordão é opcional, garantindo que sua ausência não comprometa o exercício de direitos e garantias previstos em lei.

Neste trabalho, o girassol transcende seu papel decorativo e assume uma função narrativa e organizacional. É utilizado como marcador visual em substituição a listas tradicionais, tornando a leitura mais fluida e atrativa. Também aparece em tarjas de identificação nos vídeos, posicionado antes dos nomes dos participantes, contribuindo para a construção de uma identidade visual única e coerente com os valores da proposta.

Além disso, a flor é empregada para separar seções e assuntos distintos, conferindo coesão estética e favorecendo a organização das informações.



Figura 12: Paleta de Cores dos Elementos Visuais

2.5 Elementos Gráficos

A produção dos recursos gráficos foi viabilizada por meio de plataformas digitais acessíveis e eficazes. O infográfico interativo, por exemplo, foi desenvolvido na plataforma Visme, escolhida por sua interface intuitiva e pelas funcionalidades que permitiram a construção de um conteúdo visual informativo, dinâmico e esteticamente alinhado à proposta. Outro fator determinante foi a possibilidade de incorporação direta do infográfico ao site elaborado na plataforma Wix, ampliando o potencial de interatividade e alcance do material.

Já o Canva foi utilizado para a criação de outros elementos visuais, como o mapa com o símbolo da surdez e as tarjas de identificação nos vídeos. A escolha dessa ferramenta se deve à sua praticidade, ampla biblioteca de recursos e à capacidade de exportação em múltiplos formatos, facilitando a integração ao conjunto do projeto.

Ambas as plataformas contribuíram para a construção de uma identidade visual coesa, sensível e comprometida com os princípios da inclusão, garantindo que cada elemento do design contribuísse para comunicar com clareza, empatia e acessibilidade.

2.6 Tipografia Principal e Complementar

A tipografia Avenir foi escolhida para o site por sua estética moderna, limpa e altamente legível. Avenir combina com proporções geométricas com um toque humanista resultando em uma fonte equilibrada que transmite profissionalismo e sofisticação.

A versatilidade da fonte em diferentes pesos permite hierarquizar bem as informações, proporcionando uma leitura confortável tanto em títulos, quanto em textos corridos, o que melhora significativamente a experiência do usuário em relação à leitura. Além disso, a neutralidade visual de Avenir se adapta bem a diferentes estilos de conteúdo e dispositivos, garantindo uma identidade visual consistente em plataformas móveis e desktop.

Para trazer um complemento com a fonte principal foi utilizada a tipografia Caevat, fonte com estilo manuscrito leve inspirada na escrita à mão. Caevat adiciona um tom expressivo à composição visual, sendo utilizada nos títulos dos textos jornalísticos presentes no site, bem como em frases pontuais onde a intenção é dar destaque. Juntas, a combinação entre Avenir e Caveat equilibram a experiência visual do usuário, transmitem elegância e sensibilidade.

**Este é um exemplo da
tipografia Avenir**

*Este é um exemplo da
tipografia Caveat*

Figura 13: Exemplo das tipografias

A tipografia principal utilizada no produto é aplicada em tamanho 20 com espaçamento entre linhas de 1,5 no corpo do texto, garantindo legibilidade e fluidez na leitura. Para intertítulos e destaques internos, a mesma fonte é utilizada em tamanho 35, estabelecendo uma hierarquia visual consistente.

Já para os títulos, utiliza-se a fonte Caveat, em tamanho 100 e em negrito, conferindo maior impacto visual. A linha fina dos títulos, que complementa o título principal, é apresentada com a mesma fonte em tamanho 45. No corpo do texto, quando há destaque para falas, a fonte Caveat também é empregada, em tamanho 35, diferenciando visualmente esse conteúdo do restante da narrativa.

2.7 Descrição dos materiais jornalísticos presentes no produto

Ao longo de todo o processo, foram produzidas e executadas nove pautas, cujos temas foram integralmente desenvolvidos e incorporados à longform. O primeiro conteúdo elaborado foi a crônica *O Som da Escola*, em novembro de 2024. Os demais materiais foram produzidos no período de 6 de janeiro a 30 de abril de 2025.

Além das nove pautas desenvolvidas ao longo do projeto, foram elaboradas três resenhas críticas de filmes, pertencentes ao gênero opinativo. Os títulos

selecionados possuem relação direta com os temas abordados na longform, especialmente no que se refere às questões da surdez e da acessibilidade, estando, portanto, conectados à proposta central do trabalho. A escolha por esse formato se deu a partir da percepção de que há uma crescente discussão na esfera da academia cinematográfica sobre a temática da surdez, o que reforça a importância de ampliar e democratizar o acesso à sétima arte enquanto ferramenta de reflexão e conscientização. Todos os filmes resenhados foram previamente assistidos e se destacam por terem sido premiados em festivais de relevância internacional, o que também contribui para a qualidade e profundidade das análises propostas.

2.8 Tabela de produções da Longform

Temática	Gênero Jornalístico	Processo	Material Multimídia
Visita na escola – Crônica O Som da Escola	Crônica	Visita realizada em 06/11/2024	Texto escrito + fotos do ambiente da escola
Perfil: Marina Holanda – maternidade e diagnóstico de surdez	Entrevista Perfil	Entrevista em 06/01/2025	Texto escrito + áudio + fotos de arquivo pessoal
Perfil: Fayda Albernaz – maternidade e diagnóstico de surdez	Entrevista Perfil	Entrevista em 03/02/2025	Texto escrito + vídeo + fotos de arquivo pessoal

Biblioteca de Libras – Bibliolibras- Sueli Maria Regino	Reportagem	Entrevista em 22/02/2025	Texto escrito + hiperlink para vídeos no YouTube da biblioteca
Caroline Feitosa – psicóloga bilíngue	Entrevista	Entrevista em 05/03/2025	Texto escrito
Filipe Macedo – O Passarinho (Escritor)	Entrevista Ping Pong	Entrevista em 26/02/2025	Texto escrito + hiperlink de vídeo do autor + fotos das ilustrações + vídeo enviado
Mayara Moreira – médica otorrinolaringologista pediatra	Entrevista	Entrevista em 10/03/2025	Texto escrito + vídeo
Francielle Cantarelli Martins – professora surda e mãe de duas meninas surdas	Reportagem Especial	Realizada em 24/03/2025	Texto escrito + fotos de arquivo pessoal
O Milagre de Anne Sullivan	Resenha Crítica Opinativa	Filme assistido em março.	Texto escrito + fotos do filme + hiperlink do trailer no Youtube
No Ritmo do Coração	Resenha Crítica Opinativa	Filme assistido em março.	Texto escrito + fotos do filme + hiperlink do trailer no Youtube

Filhos do Silêncio	Resenha Crítica Opinativa	Filme assistido em março.	Texto escrito + fotos do filme + hiperlink do trailer no Youtube
A sala de aula	Grande reportagem	Produzida em fevereiro	Texto escrito.
Ana Carolina e Ayla – intérprete e professora surda.	Entrevista	Realizada em 23/04/2025	Texto escrito + vídeos

Tabela: Produção da autora.

2.9 Material multimídia presente na longa reportagem

A reportagem multimídia “O silêncio dos Girassóis: histórias que os números não contam sobre a surdez” apresenta um conteúdo robusto e diversificado, composto por diferentes formatos de linguagem jornalística e recursos interativos. No total, a narrativa é construída por 36 fotografias, utilizadas para complementar visualmente as informações e proporcionar maior imersão ao leitor. O material conta ainda com 20 vídeos produzidos especialmente para a reportagem, além de 6 vídeos incorporados diretamente da plataforma YouTube, o que amplia o repertório de fontes e dinamiza a experiência do usuário.

Para enriquecer a dimensão sonora da reportagem, foi inserido um áudio, bem como uma playlist de músicas hospedada no Spotify, selecionada para ambientar o conteúdo e dialogar com o tema abordado. O recurso visual é ainda potencializado com um *slideshow* composto por 6 fotos, permitindo ao público navegar por imagens de maneira sequencial e interativa.

Do ponto de vista da visualização de dados, a reportagem inclui um infográfico, recurso que contribui para a interpretação de informações complexas de forma acessível e atrativa. Há também 2 caixas interativas, que possibilitam a participação ativa do leitor, incentivando a exploração do conteúdo conforme o interesse individual.

A interatividade textual é complementada por 19 hiperlinks, que direcionam o leitor para conteúdos relacionados, promovendo uma navegação não linear e aprofundada.

Em relação à carga textual, a reportagem apresenta uma densidade informativa significativa, totalizando 23.525 palavras escritas, distribuídas em diferentes seções e blocos narrativos. O conteúdo apresenta 142.854 caracteres, sendo 119.789 caracteres sem considerar os espaços, o que evidencia o caráter extensivo e aprofundado da produção.

Dessa forma, a plataforma se configura como um exemplo de jornalismo multimídia e interativo, que combina diferentes linguagens e suportes para proporcionar uma experiência comunicacional rica, dinâmica e engajadora.

2.10 Acessibilidade na Longform

Todos os materiais multimídia que contêm elementos sonoros como áudio e vídeo contam com tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para assegurar a qualidade e a fidelidade desse processo, foi contratada uma profissional intérprete de Libras. O trabalho foi realizado de forma planejada: a intérprete recebeu com antecedência todos os arquivos de áudio e vídeo já cortados e editados, além de ter acesso ao conteúdo escrito na íntegra. Esse procedimento foi adotado para que a profissional pudesse compreender o contexto completo das falas e não se limitasse a uma tradução literal ou fragmentada. A compreensão do discurso total permite uma interpretação mais precisa, culturalmente adequada e fiel ao tom original das falas — o que é essencial quando se trata de acessibilidade comunicacional para pessoas surdas. Essa escolha reflete o compromisso do projeto com uma abordagem inclusiva, ética e atenta às especificidades linguísticas da comunidade surda. Além disso, ao garantir a presença da Libras como recurso de acessibilidade desde a produção, o trabalho respeita o critério jornalístico da universalidade, promovendo o direito à informação para todos os públicos, independentemente de suas condições sensoriais ou linguísticas.

A gravação dos vídeos com tradução em Libras foi realizada no dia 29 de abril de 2025, no Laboratório de TV da universidade. O processo contou com o suporte

técnico do profissional Daniel, que atuou na operação da câmera do estúdio e prestou apoio na aplicação do recurso de *chroma key* na edição do vídeo.

Ao acessar as reportagens no site, o público encontra duas opções de navegação: assistir ou ouvir o material na íntegra, tal como produzido originalmente, ou optar por uma versão do vídeo com tradução em Libras. Essa escolha de apresentação foi pensada para respeitar a autonomia dos usuários e promover uma experiência acessível e personalizada. Diferentemente do modelo tradicional em que a intérprete aparece em um pequeno quadro no canto da tela, optei por posicioná-la de forma centralizada e integrada ao vídeo, com fundo neutro, a fim de valorizar visualmente a Língua Brasileira de Sinais como linguagem principal, e não como um elemento periférico. A presença da intérprete não foi tratada como uma obrigação institucional ou um recurso inserido apenas por cumprimento de normas legais. Pelo contrário, a decisão foi pautada pelo reconhecimento da Libras como uma língua legítima e pela intenção de colocá-la em evidência, reforçando o compromisso do trabalho com a inclusão real e a comunicação acessível.

2.11 Hospedagem da Longform

O Wix³² foi escolhido como plataforma para o desenvolvimento do site por oferecer uma interface intuitiva, recursos visuais flexíveis e ampla personalização, mesmo sem necessidade de conhecimentos avançados em programação. Sua estrutura baseada em arrastar e soltar facilita a criação de um layout visualmente atrativo e funcional, otimizando o tempo de produção e garantindo responsividade em diferentes dispositivos.

Além disso, o Wix oferece suporte a recursos importantes como inserção e organização de conteúdos multimídia. Ele oferece possibilidades como galerias de imagens, slideshows, bibliotecas de vídeos, playlists de música, e integração com

³² O Wix é uma plataforma online de criação de sites que permite que qualquer pessoa crie e publique um site profissional de forma simples, sem precisar saber programar.

diferentes plataformas de mídia, o que permite construir uma experiência visual dinâmica e interativa.

Essas funcionalidades tornam o Wix uma ferramenta completa para quem deseja valorizar o aspecto estético e narrativo do conteúdo. A liberdade para posicionar elementos, personalizar detalhes gráficos e explorar diferentes formatos de apresentação foi essencial para o desenvolvimento do site, respeitando a identidade visual do projeto e facilitando a comunicação com o público de forma criativa e acessível.

Outro ponto relevante para a escolha da plataforma Wix foi a possibilidade de aplicar estratégias de SEO (*Search Engine Optimization*), ou Otimização para Motores de Busca. O SEO consiste em um conjunto de práticas que tornam o conteúdo mais visível em mecanismos de pesquisa como o Google. Isso significa que, ao buscar por um termo relacionado com o da *longform*, o usuário tem mais chances de encontrar o site entre os primeiros resultados, aumentando o acesso ao conteúdo publicado.

Também foi levado em consideração o recurso de blog da plataforma, que permite a criação de postagens organizadas por data e tema, com estrutura própria para textos editoriais. No Wix, o blog funciona como uma seção específica dentro do site, voltada para atualizações frequentes e conteúdos aprofundados, sendo altamente compatível com as ferramentas de SEO. Isso torna o blog um canal estratégico nas pesquisas online, garantindo que, ao procurar por determinada resenha, o leitor consiga encontrar o site com facilidade e acessar diretamente o material desejado, além de conhecer o site na íntegra:

O link para acessar a reportagem é:
<https://silenciodosgirassois.wixsite.com/longform>

2.12 Recursos disponíveis na Longform

A estrutura da longform foi desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma experiência de leitura imersiva e interativa, explorando os recursos visuais e funcionais oferecidos pela plataforma Wix. Um dos elementos visuais empregados foi o efeito parallax, aplicado nas seções com ilustrações, que confere profundidade e

dinamismo à página ao movimentar camadas em velocidades diferentes durante a rolagem.

Nos títulos e linhas finas, foi utilizado um efeito de desaparecimento durante a rolagem, contribuindo para uma estética moderna e fluida. Além disso, o site conta com um menu de navegação fixo na parte superior, no qual estão organizados os principais títulos das seções. Dentro desse menu, o item “A Sala de Aula” apresenta um efeito de aparição ao passar o cursor do mouse, revelando subpáginas relacionadas. Esses conteúdos também podem ser acessados por meio da área de personalização, localizada ao final das páginas, o que reforça a liberdade de navegação oferecida ao leitor.

Na sessão de resenhas onde foi empregado o blog, existe a possibilidade do leitor deixar comentários e curtidas, promovendo o engajamento e a troca com o material publicado.

Por fim, a navegação pelo site é enriquecida com uma função de personalização, que permite ao leitor escolher diferentes caminhos de leitura, dentre as opções disponíveis de acordo com suas preferências e interesses. Essa abordagem valoriza a autonomia do usuário e reforça a proposta de um conteúdo interativo e personalizado.

Ao estruturar a reportagem multimídia, optou-se por utilizar o recurso de subpáginas em vez do modelo convencional de *one page*. Essa decisão foi motivada, principalmente, pela necessidade de personalizar a experiência de leitura e organizar os conteúdos por temas e blocos narrativos distintos, proporcionando uma navegação mais fluida e menos sobrecarregada.

Diferentemente do modelo de rolagem contínua (*one page*), que concentra todo o conteúdo em uma única página, as subpáginas permitem que o leitor escolha por onde deseja começar, qual tema deseja aprofundar e em que ritmo deseja consumir a narrativa. Essa abordagem favorece a autonomia do usuário, tornando a leitura mais leve e acessível, especialmente em uma produção extensa, com mais de 23 mil palavras e múltiplos recursos multimídia.

Além disso, o uso de subpáginas colabora para a organização hierárquica da informação, reduzindo o tempo de carregamento de cada seção e otimizando a performance da plataforma. Essa segmentação também facilita a navegação em

dispositivos móveis, evitando o excesso de rolagem e contribuindo para uma melhor usabilidade.

A página intitulada “Direitos e Inclusão” foi concebida como um espaço informativo e de apoio, com o objetivo de facilitar o acesso a conteúdos e serviços essenciais relacionados à promoção e à defesa dos direitos da criança, do adolescente e da inclusão social. Nessa seção, o visitante encontra endereços úteis de órgãos públicos localizados em diferentes regiões do Brasil, além de materiais de apoio como guias, cartilhas e informativos voltados à proteção de direitos, acessibilidade e políticas públicas. A proposta é reunir, em um só ambiente virtual, recursos que atendam às demandas de famílias, educadores, profissionais da área e demais interessados, promovendo o engajamento social na defesa de uma infância e adolescência mais protegidas, inclusivas e conscientes de seus direitos. Pensando nas especificidades do público-alvo, optei por apresentar inicialmente dados e serviços voltados para o estado de Goiás, considerando minha proximidade com a região. No entanto, para garantir que leitores de outras partes do Brasil também encontrem apoio e orientação, incorporei links externos confiáveis que direcionam para serviços e órgãos públicos em âmbito nacional.

Como forma de incentivar a participação ativa dos usuários, foi incluído um campo destinado a comentários e indicações. Os leitores podem contribuir com informações relevantes sobre o tema abordado, desde que preencham campos obrigatórios como nome e e-mail. Além disso, a possibilidade de responder a comentários de outros usuários, promovendo um espaço de troca e construção coletiva de conhecimento, fundamenta-se na lógica da interatividade própria do meio digital. Essa funcionalidade é relevante porque fortalece o caráter dialógico do conteúdo, aproxima os usuários entre si e amplia o impacto social da informação compartilhada, permitindo que diferentes experiências, vivências e saberes se encontrem em um ambiente colaborativo e democrático.

A inclusão de uma seção com serviços e informações úteis atende a uma das funções primordiais do jornalismo, que é ser útil à sociedade, oferecendo conteúdo que oriente e facilite o exercício da cidadania. Embora o projeto utilize técnicas do jornalismo literário, priorizando a narrativa sensível e aprofundada, essa dimensão informativa cumpre um papel fundamental ao conectar o leitor com recursos concretos relacionados à defesa de direitos e à inclusão social.

Na seção “Sobre”, encontra-se uma breve apresentação da autora e do projeto, bem como a ficha técnica, que detalha os aspectos de produção da reportagem. Ao final desta página, foi inserido um formulário interativo com a pergunta: “O que você achou dessa longa reportagem? Diga para mim!”, acompanhado de um campo livre para mensagem. Essa ferramenta tem como objetivo avaliar a recepção do conteúdo por parte do público, além de oferecer um canal direto de diálogo entre a autora e os leitores. Tal estratégia está alinhada aos princípios do jornalismo digital participativo, que valoriza o feedback como elemento essencial para o aprimoramento da produção jornalística e o fortalecimento da relação com o público.

3 MEMORIAL

Chegar até aqui representa muito mais do que concluir uma etapa acadêmica, é a consolidação de uma escolha fundamental: a formação que abracei e o início da carreira que, por tanto tempo, sonhei. Quando me matriculei na PUC, em 2021, dei meu primeiro grande passo sozinha, repleto de significado. Foi o ponto de partida de uma jornada de autoconhecimento, amadurecimento e coragem. Aprendi que a vida é feita de escolhas, e são elas que moldam quem somos e o que queremos ser. Como escreveu Cora Coralina, *“mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”* e essa verdade me acompanha. Com o tempo, compreendi que toda decisão exige coragem, mas também abre caminhos e possibilidades.

Ao iniciar a escrita da parte teórica, não enxerguei o texto apenas como uma exigência formal para alcançar a banca, mas como uma oportunidade concreta de aprendizado e amadurecimento profissional. Vi nesse processo a chance de me aprofundar em temas que me provocam inquietações, questionar conceitos estabelecidos e me desenvolver enquanto jornalista em formação. Desde o início, tinha consciência de que a base teórica seria fundamental para sustentar a etapa prática do trabalho, e por isso encarei essa construção com seriedade e compromisso.

Nos primeiros encontros com a Carol, enfrentei dificuldades que, à época, me causaram certa angústia. Sentia como se minha mente “apagasse” ao tentar organizar as ideias e transformá-las em objetivos claros. Elaborar o cronograma de trabalho, então, era ainda mais desafiador, bastava olhar para o calendário para que surgissem sentimentos de ansiedade e insegurança em relação à execução das etapas. Esse sentimento esteve presente em boa parte do percurso e se intensificou em abril, quando concentrei todos os arquivos do trabalho prático em um único documento e me deparei com a complexidade da organização do material jornalístico produzido.

Apesar disso, consegui lidar com os meus sentimentos de forma saudável. Um ponto fundamental para esse equilíbrio foi a capacidade de externalizar minhas angústias e, a partir disso, transformar o cronograma extenso do TCC em pequenas metas diárias realistas e viáveis. Com isso, consegui manter uma rotina constante de

produção teórica: todos os dias lia algo, fosse um artigo, um livro, ou fazia anotações e escrevia trechos do texto. Felizmente, não enfrentei bloqueios criativos durante essa fase. Pelo contrário, busquei diariamente estratégias para manter o ritmo de produção e não me deixar paralisar.

Um dos principais desafios enfrentados durante a elaboração do trabalho teórico foi a escassez de dados disponíveis sobre educação inclusiva. Tive dois momentos marcantes em relação a essa questão. Inicialmente, a ausência de informações me causava um incômodo profundo. Eu me questionava constantemente como era possível que um tema tão relevante estivesse invisibilizado nos bancos de dados públicos. A Carol repetia para mim que “não ter um dado, também é um dado”, mas ainda assim, essa lacuna parecia inaceitável, especialmente sob a ótica da militância em prol da inclusão.

Com o tempo, tentei adotar uma abordagem mais analítica. Questionei como um estado frequentemente bem posicionado nos indicadores educacionais nacionais poderia não disponibilizar dados abertos sobre a inclusão de pessoas com deficiência. Com isso, iniciei uma busca ativa por essas informações, entrando em contato com diferentes setores da Secretaria Estadual de Educação, (SEDUC). Após diversos e-mails, recebi uma resposta orientando-me a utilizar o Sistema Eletrônico de Informações (SEI). Realizei meu cadastro como usuária externa e tentei, por diversas vezes, acessar o sistema e encaminhar meus questionamentos.

No entanto, enfrentei diversas barreiras de acessibilidade: o sistema apresentava letras que eu não conseguia enxergar com clareza e, sempre que buscava suporte por telefone ou e-mail, as respostas eram burocráticas e, muitas vezes, acompanhadas de negativas. Essa experiência foi frustrante e marcou uma limitação importante do meu trabalho: a ausência de dados estaduais oficiais no corpo teórico, não por falta de interesse ou tentativa, mas pelas barreiras estruturais de acesso à informação. Diante desse desgaste e das dificuldades enfrentadas, optei por recorrer a outras fontes de dados que pudessem sustentar teoricamente minha discussão

Outra decisão importante com os dados ocorreu na fase em que conciliava a escrita teórica com a prática. Em abril, foram divulgados novos dados do Censo Escolar 2024. Com isso, precisei reescrever parte da fundamentação teórica, especialmente os trechos que tratavam de dados gerais sobre pessoas com

deficiência. Optei por atualizar essa parte com os dados mais recentes. Já em relação ao panorama local de Goiânia, reconheci que não teria tempo hábil para analisar as planilhas com profundidade e aplicar uma abordagem de jornalismo de dados. Assim, mantive as informações anteriormente redigidas.

Além das dificuldades relacionadas à obtenção de dados, outros desafios se apresentaram ao longo do processo. Conciliar horários com os entrevistados e conseguir finalizar as entrevistas, a princípio, parecia um obstáculo significativo. No entanto, os quase dois anos de estágio em televisão foram uma verdadeira escola para mim. Esse período foi essencial para que eu aprendesse a lidar com prazos curtos, fontes de difícil acesso e assessorias com alta demanda. Desenvolvi, nesse tempo, a habilidade de respirar fundo diante da pressão, exercitar a paciência e manter a postura profissional mesmo em situações desafiadoras. Essas vivências foram fundamentais para que eu me sentisse preparada para conduzir boas entrevistas durante o trabalho, enfrentando com mais segurança os imprevistos que surgiram ao longo do percurso.

Uma das etapas mais desafiadoras, e, confesso, um pouco entediante, foi fazer a decupagem e transcrição das entrevistas. Por mais que eu contasse com o apoio da inteligência artificial, o Google Pinpoint, que agilizou bastante o processo, ainda assim a tarefa exigia muita paciência. O Google Pinpoint é uma ferramenta desenvolvida exclusivamente para jornalistas, e sua principal função é transcrever automaticamente áudios e vídeos, facilitando a busca por palavras-chave e trechos específicos em grandes volumes de conteúdo. Como os arquivos eram longos e o funcionamento da plataforma exige boa conexão com a internet, nem sempre o processo fluía como eu gostaria. E eu, ansiosa por ver tudo pronto logo, acabava ficando impaciente. Foi um exercício de resistência e foco, mas, no fim das contas, necessário para garantir a fidelidade das falas e o respeito aos depoimentos que coletei com tanto cuidado.

Além da minha preparação teórica para iniciar a parte prática do trabalho, também me organizei para adquirir equipamentos que contribuíssem com a qualidade das gravações. Investi em um tripé, estabilizador de câmera, microfone de lapela, kit de iluminação e realizei a troca do meu celular por um modelo mais recente, com câmera de alta qualidade. Todas as gravações foram realizadas utilizando exclusivamente o meu celular.

Realizei também a leitura do livro: “Entrevista: O Diálogo Possível”, da Cremilda Medina, leitura essa que me proporcionou novas compreensões sobre entender que a entrevista não é apenas um instrumento de coleta de informações, mas sim como um espaço de escuta ativa, troca simbólica e construção conjunta de sentidos. A proposta de Medina me influenciou diretamente na forma de elaborar pautas mais sensíveis e contextualizadas, levando em consideração o universo do entrevistado e a necessidade de um preparo prévio que vá além da simples curiosidade jornalística.

Durante a construção deste trabalho, pude perceber o quanto a pesquisa teórica foi essencial não apenas para embasar academicamente minha proposta, mas também para fortalecer minha própria identidade enquanto pesquisadora e defensora da educação inclusiva. Estudar a história da comunidade surda no Brasil me permitiu compreender as raízes da luta por direitos e o papel da educação como elemento transformador na vida dessas pessoas. Aprofundar-me nesse campo me mostrou como a escola pode ser não apenas um espaço de aprendizado, mas de pertencimento, afirmação e cidadania. Por isso, valorizo este trabalho não só pelo conteúdo produzido, mas pelo impacto que ele teve na minha própria formação pessoal e profissional.

Um dos momentos mais marcantes de todo o processo foi a visita à Escola de Surdos de Goiânia. Pela proximidade com a data do meu aniversário, costumo dizer que foi o melhor presente que o jornalismo poderia me oferecer. Sair da frente das telas e mergulhar no contato direto com pessoas reais: crianças, professoras, suas histórias de vida, suas expressões e trajetórias despertou em mim uma sensação intensa de pertencimento. Foi como se eu ocupasse um novo lugar dentro do fazer jornalístico: um lugar de escuta, de presença e de encantamento com a profissão. A insegurança e o medo de errar estavam ali, é verdade, mas vieram acompanhados de um frio na barriga bom, daquele que diz: “*eu estudei, eu sei Libras, eu estou preparada para estar aqui*”. Foi nesse dia que, pela primeira vez, me senti verdadeiramente jornalista.

Uma das maiores alegrias ao longo da produção do trabalho prático foi a conexão genuína que estabeleci com minhas fontes. Uma história que representa bem essa experiência é a vivência com Fayda, Marcos Paulo e sua família. Antes mesmo de conhecer Fayda, fui surpreendida por Marcos Paulo exatamente como descrevi na crônica. Eles estavam ensaiando para o festival de dança, e aquela movimentação

espontânea no bebedouro me encantou. Algo naquele menino me chamou atenção e, de imediato, pensei: *“preciso conversar com a mãe desse menino”*. No entanto, não sabia como encontrá-la. Uma alternativa seria ter comparecido ao espetáculo, mas na data do evento eu fiquei muito gripada e não tinha forças pra sair de casa. Passei, então, a acompanhar as redes sociais da escola, que começou a repostar stories das famílias. Vi o rosto de Marcos Paulo em várias publicações e, a partir disso, encontrei o perfil de Fayda. Embora seu perfil fosse fechado, enviei um pedido para segui-la, fui aceita e, com coragem, entrei em contato. A receptividade foi imediata e o resultado da nossa conversa, muito positiva.

Ao mesmo tempo, enfrentei desafios que exigiram maturidade editorial. Um deles foi a tomada de decisões quanto à edição do material prático. Durante o estágio, editar trechos de entrevistas era algo natural: cortava-se aqui, ajustava-se ali. Já no trabalho de conclusão, no qual havia um envolvimento afetivo com as fontes, sentia um grande apego ao conteúdo. Surgia, então, o dilema: *por que escolher este trecho e não outro?* Parecia que cada fala era essencial. Foi preciso fazer um exercício consciente de separar a “amiga” da entrevistada da “jornalista” com prazos e critérios claros de edição. Quando compreendi esse papel com mais nitidez, o processo se tornou menos doloroso.

Durante a etapa prática, a escrita foi um processo prazeroso, embora permeado de receios. Meu medo não era por desconhecimento, mas por falta de hábito: no meu cotidiano de estágio, escrevia diariamente textos para televisão, que exigiam objetividade, clareza e concisão. Diante da proposta de construir textos mais longos e sensíveis, senti insegurança quanto à escolha das palavras, à construção do ritmo e ao tom narrativo adequado. O primeiro texto que escrevi com esse desafio em mente foi a crônica *O som da escola*. Escrevi e apaguei inúmeras vezes. As palavras me pareciam óbvias demais, sem transmitir a complexidade do que vivi naquele espaço. A vontade era de transmitir não só os fatos, mas também as sensações. Com os conselhos da professora Carol e o exercício contínuo de autocrítica e reescrita, o texto começou a ganhar corpo. Foi um processo de escuta, de delicadeza e de entrega à linguagem. Uma metodologia que adotei para conseguir ser fiel às histórias e a mim mesma, foi escrever revisitando áudios e fotos das entrevistas, por exemplo, dessa forma eu conseguia transitar com meus sentimentos e percepções entre o momento da entrevista e o momento da escrita o que facilitou muito esse processo.

Uma das partes mais leves e prazerosas deste processo foi a decisão de incluir resenhas de filmes que dialogassem com a temática do trabalho. Sempre fui apaixonada por cinema, e encontrar obras que tratassem com sensibilidade a vivência de pessoas com deficiência foi também uma forma de me reconectar com minha própria história.

O principal critério que utilizei para a escolha dos filmes foi que todos fossem reconhecidos com prêmios de grande prestígio na indústria cinematográfica, como o Oscar ou o Globo de Ouro. Essa seleção foi fortemente influenciada pela premiação do Oscar de 2024, que consagrou o filme brasileiro *Ainda Estou Aqui*, como Melhor Filme Internacional. Ver uma produção nacional ser aplaudida pela Academia foi um momento marcante, e despertou em mim o desejo de valorizar narrativas premiadas que trazem, de maneira autêntica, a perspectiva de pessoas com deficiência.

Além do reconhecimento da crítica, outro aspecto essencial para a escolha dos filmes foi a sensibilidade com que os temas foram abordados e, principalmente, o protagonismo de pessoas com deficiência nas produções.

Outro momento que me causou profundo encantamento durante o processo foi o dia da gravação dos trechos em Libras. A preparação para esse momento envolveu um trabalho cuidadoso e colaborativo com a intérprete, com quem mantive uma comunicação próxima e constante. Para facilitar e qualificar a atuação dela, elaborei dois documentos: o primeiro continha apenas a transcrição das falas, acompanhada dos links dos vídeos ou áudios correspondentes, possibilitando que ela tivesse acesso direto ao conteúdo original. O segundo arquivo apresentava o material completo, com mais informações de contexto.

Optamos por essa metodologia conscientes de que a Libras é uma língua, com estrutura própria e especificidades culturais e gramaticais, e não apenas uma linguagem de tradução literal. Por isso, era fundamental que a intérprete compreendesse o contexto de cada fala, para que a interpretação fosse coerente e respeitosa com o conteúdo e com as pessoas envolvidas.

Acompanhar a gravação foi uma experiência extremamente gratificante. Ver o trabalho ganhando corpo e propósito por meio da presença da Libras reforçou ainda mais meu compromisso com a acessibilidade e com o jornalismo inclusivo que venho buscando construir.

A parte mais difícil de todo o trabalho, sem sombra de dúvida, foi escolher o título. Parece simples, mas dar nome a uma história que carrega tantas camadas de afeto, luto, silêncio e expressão, exigiu muito exercício e rascunho. Como nomear algo que, por essência, fala de quem muitas vezes não é compreendido? Eu queria que o título fosse generoso com as histórias que escrevi. As duas últimas semanas foram intensas, mas no último segundo, o título apareceu!

A construção do site foi inteiramente feita por mim. Foi um processo que tive que confiar no meu instinto para criar algo funcional e visualmente agradável. Durante as férias, realizei alguns testes prévios para me habituar com a plataforma e entender as dinâmicas do que era possível, do que estava ao meu alcance e o que eu conseguiria realizar sozinha. Essa antecipação foi muito importante porque quando fui de fato executar já estava familiarizada com a plataforma e os recursos disponíveis.

Após finalizar o site, uma onda tomou conta de mim: um arrepio suave, um suspiro profundo. Li cada linha como quem percorre os próprios sonhos de uma estrada sonhada, e quando cheguei ao fim, chorei. As lágrimas vieram como chuva mansa, carregadas de orgulho, alívio e beleza. Era um misto de dever cumprido e saudade aquecida.

Durante esse processo, aprendi algo sobre mim mesma e sobre ser jornalista. Percebi que a vida exige coragem. Coragem para começar, para continuar e para recomeçar quantas vezes forem necessárias. Descobri que, mesmo nos momentos de dúvida e insegurança, carrego em mim a força para seguir em frente. Aprendi a confiar mais nas minhas ideias, a ouvir com atenção, a escrever com empatia e a enxergar, nas entrelinhas das histórias que contei, pedaços da minha própria jornada. Cresci como profissional, é verdade, mas, acima de tudo, cresci como pessoa. Hoje me reconheço mais firme, mais sensível, mais consciente do meu papel no mundo e da responsabilidade que é comunicar com verdade. Ser jornalista, para mim, é também um ato de coragem: é olhar o mundo com olhos atentos e coração aberto, buscando sempre dar voz a quem precisa ser ouvido, inclusive a mim mesma.

A universidade e os aprendizados construídos ao longo desses quatro anos foram fundamentais nesse processo. Desde as primeiras aulas de Redação I, quando aprendi a elaborar uma pauta, até disciplinas mais complexas, como Livro-Reportagem e Pesquisa. Cada etapa contribuiu para a construção de uma base sólida de conhecimento. Foram experiências que não apenas ampliaram minha visão de

mundo, mas também me prepararam, técnica e humanamente, para os desafios da profissão.

E, para finalizar faço aqui uma retrospectiva pessoal, profissional e acadêmica. Há um ano atrás, nem nos meus melhores sonhos e delírios eu imaginava finalmente concluir. Claro que existem as expectativas, a idealização... mas nada era palpável. Há um ano, a Laís jamais imaginava que teria um grande produto para chamar de “seu”, Jamais imaginou que iria escrever mais de 23 mil palavras de trabalho prático, que no meio do caminho encontraria generosidade e afeto por cada entrevista. O pensamento sempre que era de ser caótico e sofrido, e sim realmente é. Mas em todo processo eu consegui ressignificar o “monstro” da faculdade em aliado.

Pode parecer clichê, mas quando entrei no curso, sempre que me perguntavam por que escolhi o jornalismo, eu respondia que gostava de ler, escrever, português e história, o genérico da profissão. Durante muito tempo, não ter uma “resposta bonita” me deixava envergonhada. Eu também sabia que “mudar o mundo” não era exatamente o meu ideal. Hoje, após quatro anos intensos, acredito finalmente ter uma resposta mais consciente.

Percebo que o jornalismo, para mim, foi sendo construído aos poucos. Ele se revelou não como um fim em si mesmo, mas como um meio: um meio de provocar reflexões, de educar, de dar visibilidade a temas e vivências frequentemente negligenciados pela mídia tradicional. Encontro no jornalismo um espaço de interação e troca com o outro, um território de escuta ativa e respeito à diversidade.

É nesse lugar que vejo minha atuação: contribuindo para um jornalismo mais humano, plural e sensível às realidades que existem para além do senso comum. Acredito na importância de produzir conteúdos que dialoguem com o público de forma acessível e acolhedora. As pessoas carecem de leveza, de narrativas que eduquem, emocionem e inspirem, porque o cotidiano não se constrói apenas com notícias factuais. O jornalismo também pode ser um instrumento de transformação por meio da cultura, da literatura, do entretenimento e de tudo aquilo que nos humaniza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo dar visibilidade às vivências de crianças surdas, de suas famílias e educadores, por meio da produção de uma reportagem multimídia em formato longo. Ao tratar o jornalismo como prática social, buscou-se não apenas informar, mas também sensibilizar e provocar reflexões sobre os desafios e as potências da educação bilíngue e inclusiva.

Essa pesquisa me impulsionou a buscar aprofundamento em marcos legais voltados à comunidade surda, compreendendo que não se trata apenas de garantir o acesso à escola, mas de assegurar uma educação bilíngue de qualidade, que reconheça e respeite a singularidade linguística e cultural dos surdos. A base teórica aliada às entrevistas de campo me proporcionou um olhar mais sensível e crítico, permitindo o diálogo com autores, legislações e práticas que legitimam essa luta cotidiana por inclusão.

Não é aceitável que, em pleno século XXI, ainda se naturalize a exclusão linguística e pedagógica de crianças surdas em ambientes escolares que ignoram sistematicamente a centralidade da Libras e a urgência de uma abordagem bilíngue. Esta pesquisa evidenciou que muitos discursos sobre inclusão permanecem vazios, enquanto famílias e educadores seguem enfrentando sozinhos a precariedade estrutural, o despreparo docente e a negligência das políticas públicas. Este trabalho é, por isso, também um ato político. Ao dar visibilidade às infâncias silenciadas e às resistências que emergem da ponta, reivindico o jornalismo como ferramenta de denúncia, memória e transformação social.

Foi nesse contexto que a escolha pelo jornalismo literário se revelou não apenas uma decisão estética, mas uma necessidade ética e narrativa. O gênero permitiu que as vozes das fontes fossem escutadas com profundidade, sem filtros reducionistas, respeitando suas subjetividades e contextos. A escuta atenta, a descrição sensível dos espaços, o cuidado com o ritmo da narrativa e o compromisso com a veracidade construíram uma ponte entre a informação e o afeto, entre a denúncia e o acolhimento. Ao lançar mão do jornalismo literário em uma reportagem multimídia no formato longform, reforcei o potencial do jornalismo como dispositivo de

escuta ativa e de construção de sentido, não apenas para informar, mas para tocar e provocar reflexões mais duradouras.

Ao longo do processo, ficou evidente o quanto a educação de crianças surdas segue sendo atravessada por invisibilizações históricas e pelo despreparo sistêmico. É urgente a criação e fortalecimento de políticas públicas consistentes, formação continuada e especializada de educadores, bem como o envolvimento ativo de toda a sociedade. Contar essas histórias é um gesto de resistência. E ouvir com compromisso é o primeiro passo para transformar.

A experiência com a reportagem multimídia em formato longform reforçou minha convicção sobre a força das narrativas expandidas no jornalismo contemporâneo. A possibilidade de articular texto, som, vídeo e imagem de maneira coesa ampliou o envolvimento do público com o conteúdo, favorecendo uma compreensão mais sensível e imersiva das histórias contadas. Acredito ter alcançado com êxito a proposta inicial deste trabalho: construir um produto jornalístico que, além de informar, emocionasse e provocasse reflexão.

O uso consciente dos recursos multimídia foi fundamental para valorizar as vozes das pessoas retratadas, respeitando suas trajetórias e oferecendo ao público uma experiência narrativa rica, acessível e significativa. Este projeto reafirma minha crença de que o jornalismo, quando feito com profundidade e escuta atenta, é uma ponte potente entre realidades diversas.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, Alciane. A narrativa *longform* em reportagens hipermídia. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 89-101, 2017a

BERGAMO, Alexandre. Identidade Surda. In: BERGAMO, Alexandre. Cultura e Identidades Surdas: ENCRUZILHADA DE LUTAS SOCIAIS E TEÓRICAS. Orientador: Ana Paula Santana. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Tuiuti do Paraná e Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hxDxvJQjCZy8MCdBGLgGNnK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 out. 2024.

BONITO, Marco Antônio; SANTOS, Larissa Conceição dos; BEILFUSS, Letícia. O jornalismo deficiente, sem acessibilidade comunicativa, nas práxis cotidianas do grupo RBS de Comunicação. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP –, São Paulo, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/laisq/Downloads/Sbpjor-BONITOSANTOS%20(1).pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

BRADSHAW, Paul: Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. n: CANAVILHAS, João. (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência. 4. ed. Atualizada até junho de 2020. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 51 p. Lei nº 13.146/2015. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/574288/Estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_4ed.pdf Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 7 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 7 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27839, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 7 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. 61,5 mil alunos têm alguma deficiência relacionada à surdez. [S. l.], 26 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt->

br/assuntos/noticias/2023/setembro/61-5-mil-alunos-tem-alguma-deficiencia-relacionada-a-surdez. Acesso em: 7 set. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 14 set. 2024.

BERTOCCHI, Daniela. DOS DADOS AOS FORMATOS: o sistema narrativo no jornalismo digital. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, [s. l.], 2014. Disponível em: https://www.rosepepe.com.br/compos/Docs/GT10_ESTUDOS_DE_JORNALISMO/bertocchi_daniela_compos2014_menor_2232.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

CANAVILHAS (org.) (2014) Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, Portugal: LabCom, Livros LabCom

CARVALHO, Jackeline. Truman Capote: Do Surgimento Do New Journalism A “À Sangue Frio”. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2016/resumos/R49-0586-1.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

CARVALHO, Vanessa. A história da educação dos surdos. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/edicao-atual-arquivos/36782_final_a_hista%E2%80%99Cria_de_educaa%E2%80%A1a%C6%92_o_dos_surdos...vanessa_carvalho.pdf. Acesso em: 7 set. 2024.

CIDADANIA, UM PROJETO EM CONSTRUÇÃO : MINORIAS, JUSTIÇA E DIREITOS . [S. l.: s. n.], 2012- . Anual. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/35024.pdf?srsltid=AfmBOorgE0zm7KOXgvMeE1gseG0hmQSt1DQEKCR1IbMsKBv9T8Ze1GEr>. Acesso em: 25 set. 2024.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. In: Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 20 mai. 25

COMUNICAÇÃO e Direitos Humanos. Comunicação e Direitos Humanos nos Territórios de Minas Gerais, [s. l.], ed. 1, 2018. Disponível em: <https://intervozes.org.br/arquivos/interman005comdhs18.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024. COSTA, José Junio Souza da. A Educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. Faculdade Católica de Pouso Alegre, [s. l.], v. VII, n. 18, 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

COSTA, Luciano; BRASIL, Antônio. Contemporânea I Comunicação e Cultura. Realidade Virtual: Inovação Técnica E Narrativa No Jornalismo Imersivo, [s. l.], v. 15, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21417/14438>. Acesso em: 15 out. 2024.

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LAFER, C. A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 55-65, maio 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141997000200005>. Acesso em: 11 out. 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. New Journalism A reportagem como criação literária. (Cadernos da comunicação. Série Estudos, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, 2003. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo Literário para Iniciantes. 1. ed. São Paulo: Sistema Editorial Clube dos Autores, 2010. 148 p.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p.897-917, set - dez. 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, KÉrley. O Lugar do *Longform* no Jornalismo Online: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *Brazilian Journalism Research*, [s.l.], v. 1, n. 1, p.110-127, abr. 2015

LORENZ, Murilo: Personalização: Análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João. (org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014

LUBENOW, J. A. Esfera pública e democracia deliberativa em Habermas: modelo teórico e discursos críticos. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 51, n. 121, p. 227-258, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000100012>. Acesso em: 11 out. 2024.

MEYER, Michael. Going to great lengths. *Columbia Journalism Review* 51(4). 2012. Disponível em: http://www.cjr.org/feature/going_to_great_lengths.php

MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. *Anais do 27º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2004.

MIRANDA, Cristiane Fontinha; BALDESSAR, Maria José; CAVENAGHI, Beatriz. Modelos de construção narrativa no jornalismo digital no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0678-1.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014

PAVLIK, John V. Ubiquidade: o 7 princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João. (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241> Acesso em: 18 set. 2024.

RASÊRA, Marcella. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. Ícone, Pernambuco - PE, v. 12, ed. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/icone/article/view/230424>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón: Multimedialidade: informar para cinco sentidos”. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, Mariana de Almeida. Jornalismo e Acessibilidade Comunicacional: Estratégias para a inclusão de pessoas com deficiência visual através dos dispositivos móveis. Orientador: Prof. DOUTOR João Canavilhas. 2017. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, [S. l.], 2017. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7863/1/5592_11560.pdf. Acesso em: 21 set. 2024.

SOUZA, Pedro Paulo Ubarana De. Educação de surdos no brasil: uma narrativa histórica. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47071> Acesso em: 7 set. 2024

STROBEL, Karin. Universidade Federal de Santa Catarina. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS, Florianópolis SC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 7 set. 2024.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa e transicional. [S. l.: s. n.], 2005. v. II.

6 APÊNDICES

6.1 APÊNDICE A – Pauta Centro Especial Elysio Campos

Pauta para a grande reportagem + crônica

Assunto: Desafios e Possibilidades da Educação de Surdos a partir da perspectiva dos profissionais da educação inclusiva.

- Observação e sensibilidade para escrever uma crônica sobre a escola (me atentar para os detalhes, peculiaridades, decoração de sala, murais, áreas externas, parquinho...)

Local: Centro Especial Elysio Campos

Data: 06/11/2024

Formação:

- Antes de tudo, quero que você se apresente e conte um pouco mais da sua história.
- Tempo de atuação?
- Por que escolheu trabalhar com alunos surdos?
- Quais foram os maiores desafios que você enfrentou na sua formação para trabalhar com a educação de surdos?

Escola Bilíngue:

- Perguntar a história do Centro Especial Elysio Campos. (quando foi fundado? quantos alunos são atendidos)...

Educação de Surdos:

- Como o ambiente escolar pode ser mais acolhedor emocionalmente para os estudantes surdos?
- Existem práticas específicas que funcionam melhor para promover o bem-estar emocional deles?
- Em sua opinião, como o currículo escolar pode ser mais adaptado para promover uma educação inclusiva e de qualidade para estudantes surdos?

- Quais desafios específicos os estudantes surdos enfrentam na transição para o ensino superior ou para o mercado de trabalho?
- O que você acredita que poderia ser feito para facilitar essa transição?
- O que falta nos programas de formação docente nesse campo?
- Você percebe que os alunos surdos têm algum tipo de dificuldade ou barreira social específica para se sentirem plenamente integrados na comunidade escolar? Como isso pode ser superado?
- Perguntar sobre pesquisas recentes na área de educação - se há pesquisas promissoras para alguma metodologia de ensino.
- Você acredita que a educação é um ato político? Por que?
- Perguntar sobre os benefícios da formação bilíngue.

Histórias Infantis:

Muito se fala dos benefícios da leitura e literatura na primeira infância. Nesse sentido...

- Os benefícios das histórias infantis para crianças surdas são os mesmos das crianças ouvintes ou há diferença?
- histórias em Libras ou em português escrito?
- O acesso às histórias presencial ou com o uso da tecnologia?
- qual o limite da tecnologia para essas crianças?
- a música no ambiente escolar para alunos surdos é uma possibilidade?
- indicação de quem trabalha / faz a contação de histórias em libras

Participação da Família:

- Perguntar se dá pra traçar um “perfil” das famílias que chegam até a escola.
- De que forma você incentiva e orienta as famílias ouvintes a participarem no aprendizado da Libras?

6.2 APÊNDICE B – Perfil Marina Holanda e Dante

Entrevista Perfil

Data: 06/01/2025

Sugestão de Perguntas / Abordagem

1. Antes de começar, gostaria que você se apresentasse e falasse um pouco quem é a Marina Holanda.
2. O que te levou a suspeitar de que algo estava diferente com o Dante?
3. Como foi o processo de diagnóstico da surdez?
4. Além da surdez, como foi para você lidar com o diagnóstico de autismo no Dante?
5. Você já tinha algum conhecimento prévio sobre surdez antes do diagnóstico?
6. Como é a comunicação com seu filho no dia a dia? Vocês já utilizam Libras?
7. Quais atividades ele mais gosta de fazer? Como você adapta essas atividades para estimular o desenvolvimento dele?
8. Como é um dia típico de vocês? ROTINA DA FAMÍLIA... Alguma atividade em especial que vocês fazem juntos e que fortalece a conexão?
9. Teve algum hábito que você teve que mudar completamente por conta das necessidades do Dante?
10. Quais são os principais desafios de ser mãe solo de uma criança com deficiência auditiva?
11. Como você tem equilibrado os cuidados com o Dante e a sua vida pessoal/profissional?
12. Você conta com uma rede de apoio? Como familiares ou amigos têm te ajudado nessa jornada?
13. Quando você percebeu que compartilhar sua jornada nas redes sociais poderia ajudar outras pessoas?
14. Como é a receptividade do público à sua jornada?
15. Você já conheceu outras mães que passam por situações parecidas? Como essa troca te ajudou ou mudou sua perspectiva?
16. Existe algo que o Dante te ensinou que você nunca imaginou aprender com um filho?
17. Qual foi a maior surpresa positiva que você viveu ao lado do Dante?
18. Tem algum momento engraçado ou emocionante que resuma a relação de vocês?

19. Existe algum projeto ou ideia que você deseja desenvolver para apoiar outras mães ou famílias?
20. Como você enxerga a inclusão de crianças com deficiência nas escolas e na sociedade em geral? Alguma experiência marcante nessa área?
21. Alguma vez você sentiu que o Dante foi incluído de forma especial em algum ambiente?
22. Existe algum mito ou preconceito sobre crianças com deficiência que você gostaria de desconstruir?
23. Qual foi a decisão mais desafiadora que você teve que tomar em relação ao Dante? Como isso impactou vocês?
24. O que você gostaria que outras mães ou pessoas soubessem sobre criar uma criança com deficiência?
25. Quais livros infantis, leituras / artigos que você leu, personalidades, ou perfis de rede social você indica para que outras famílias possam ter a oportunidade de acompanhar?
26. Eu li uma frase no seu Instagram que me chamou muita atenção: “uma mãe em movimento, move uma comunidade” e essa frase faz menção a comunidade surda. Como você vê o impacto disso?
27. Como e quando o projeto Mães Que Escrevem surge para você ser colunista?
28. Que sonhos você tem para o Dante? Como você trabalha para ajudá-lo a alcançá-los?
29. E para encerrar, falando de futuro... quais são os próximos planos e realizações...

6.3 **APÊNDICE C** – Entrevista Perfil: Fayda Albernaz e Marcos Paulo

Entrevista Perfil

Data: 03/02/2025

Sugestão de Perguntas / Abordagem

1. Quais foram suas primeiras reações ao descobrir a gravidez?
2. Como foi sua gestação? Alguma intercorrência marcou esse período?
3. O que te levou a suspeitar de que algo estava diferente com o Marcos Paulo?

4. Como foi o processo de diagnóstico da surdez? Ele foi detectado pelo teste da orelhinha ou por outros sinais?
5. Além da surdez, como foi para você lidar com o diagnóstico de síndrome de down do Marcos Paulo?
6. No dia das publicações do espetáculo de dança você mencionou que ter voltado para Goiânia foi um divisor de águas. Como foi esse processo de sair de Uberaba, Minas Gerais e vir para Goiânia?
7. Você já tinha algum conhecimento prévio sobre surdez antes do diagnóstico?
8. Como é a comunicação com seu filho no dia a dia? Vocês já utilizam Libras?
9. Você tem aprendido ou buscado formas de se aprofundar na Língua de Sinais?
10. Quais atividades ele mais gosta de fazer? Como você adapta essas atividades para estimular o desenvolvimento dele?
11. Como é um dia típico de vocês? Alguma atividade em especial que vocês fazem juntos e que fortalece a conexão?
12. Teve algum hábito que você teve que mudar completamente por conta das necessidades do Marcos Paulo?
13. O Marcos Paulo estuda no Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia, como você avalia a atuação da escola?
14. Como você tem equilibrado os cuidados com o Marcos Paulo e a sua vida pessoal/profissional?
15. Você conta com uma rede de apoio? Como familiares ou amigos têm te ajudado nessa jornada?
16. Você já conheceu outras mães que passam por situações parecidas? Como essa troca te ajudou ou mudou sua perspectiva?
17. Existe algo que o Marcos Paulo te ensinou que você nunca imaginou aprender com um filho?
18. Qual foi a maior surpresa positiva que você/família viveu ao lado do Marcos Paulo?
19. Tem algum momento engraçado ou emocionante que resuma a relação de vocês?
20. Que sonhos você tem para o Marcos Paulo? Como você trabalha para ajudá-lo a alcançá-los?
21. Como você enxerga a inclusão de crianças com deficiência nas escolas e na sociedade em geral? Alguma experiência marcante nessa área?

22. Alguma vez você sentiu que o Marcos Paulo foi incluído de forma especial em algum ambiente?
23. Existe algum mito ou preconceito sobre crianças com deficiência que você gostaria de desconstruir?
24. O que você gostaria que outras mães ou pessoas soubessem sobre educar uma criança com deficiência?

6.4 **APÊNDICE D** – Pauta Bibliolibras com Maria de Regino

Entrevista Perfil

Data: 22/02/2025

Como autora e pesquisadora

1. Uma carioca goiana... o match com o pequi foi amor à primeira vista?
2. Como essa conexão com Goiás influenciou sua escrita e pesquisa ao longo dos anos?
3. O Prêmio Jaburu é uma das mais importantes premiações culturais de Goiás. Como foi para você receber esse reconhecimento em 2018, sendo destaque cultural como escritora de livros infantojuvenis e pesquisadora na área de Libras e Educação de Surdos?
4. Em sua análise como pesquisadora: como o currículo escolar pode ser mais adaptado para promover uma educação inclusiva e de qualidade para estudantes surdos?
5. O que falta nos programas de formação docente no campo da acessibilidade quando falamos de pessoas com surdez ou deficiência auditiva ?
6. Existem pesquisas promissoras no campo de ensino voltadas às crianças e/ou pessoas com deficiência auditiva? (alguma metodologia, por exemplo).
7. Para quais políticas públicas de inclusão voltadas à comunidade surda você daria mais destaque?
8. Monteiro Lobato foi uma grande inspiração para diversas gerações. De que forma as histórias de Lobato influenciaram sua escrita e sua visão sobre a literatura infantojuvenil?
9. Qual é o papel das histórias na vida de uma criança surda? Como a acessibilidade à literatura pode transformar a infância?

10. Como foi ver suas histórias adaptadas com recursos de acessibilidade no Bibliolibras

Como criadora do Bibliolibras

1. Como e quando surgiu a ideia de criar o Bibliolibras? Quem esteve envolvido no início do projeto?
2. Qual foi a principal motivação para disponibilizar histórias infantis em Libras em uma biblioteca online?
3. O acervo inicial da biblioteca conta com clássicos da literatura dos Irmãos Grimm. Por que essas histórias foram escolhidas para dar início ao projeto?
4. Como é feita a curadoria das histórias que entram na plataforma? Existe um critério específico para a escolha dos títulos?
5. Desde que o projeto foi lançado, vocês conseguem mensurar quantos acessos ou visualizações os vídeos registram?
6. Qual é a história mais visualizada até o momento? Há alguma que tenha tido um impacto surpreendente na comunidade surda?
7. Como funciona o processo de tradução das histórias para Libras? Quais são os principais desafios nessa adaptação?
8. Além das histórias serem adaptadas para língua de sinais, as histórias contam com recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. Poderia compartilhar porque tomaram essa decisão?
9. Como o projeto se mantém ativo?
10. Além das histórias infantis, a biblioteca também oferece textos acadêmicos em PDF e vídeo-aulas. O que motivou essa expansão para conteúdos de pesquisa e ensino?
11. Quais são os principais usuários dessa parte acadêmica do Bibliolibras? (Professores, estudantes universitários, pesquisadores?)
12. Quais são os planos para o futuro do Bibliolibras? Há novas funcionalidades ou parcerias em desenvolvimento?
13. Vocês pretendem ampliar o acervo para incluir novos gêneros, como fábulas, lendas brasileiras ou contos contemporâneos?
14. Como as pessoas podem contribuir ou apoiar o projeto para que ele continue crescendo?

15. O projeto contou com apoio das Leis de Incentivo. Qual foi a importância desse suporte para a viabilização e continuidade do trabalho?
16. Como é ver uma criança surda assistindo a uma história em Libras pela primeira vez? Já receberam relatos de famílias sobre esse impacto?
17. Vocês já receberam feedbacks da comunidade surda, de professores ou de famílias sobre a importância do Bibliolibras? Alguma história ou depoimento marcante?
18. Qual é a maior recompensa de fazer parte desse projeto? O que faz tudo valer a pena?
19. O que vocês sonham para o futuro do Bibliolibras? Se pudessem imaginar o projeto daqui a 10 anos, como ele seria?
20. Se o Bibliolibras fosse uma história, qual seria a sua mensagem final?

6.5 APÊNDICE E – Pautas de Saúde

Entrevista I Caroline Feitosa - Psicóloga Bilíngue

1. Para começar, você poderia se apresentar e compartilhar um pouco de sua trajetória na psicologia e no atendimento à comunidade surda?
2. Em que momento de sua carreira você precisa atuar como psicóloga bilíngue (Português-Libras)?
3. Qual o impacto emocional do diagnóstico de surdez ou deficiência auditiva para as crianças e suas famílias?
4. Muitas vezes, os pais de crianças enfrentam um luto simbólico ao receber o diagnóstico. Como ajudá-los a transformar essa dor em acolhimento e aprendizado?
5. Quais as principais dificuldades que os pais de alunos surdos enfrentam ao buscar apoio psicológico?
6. Na sua visão, o que define uma rede de apoio escolar bem estruturada?
7. Quais os benefícios de uma rede de apoio forte para o desenvolvimento dos alunos, especialmente os surdos?

8. Quais são os desafios mais comuns enfrentados pelas famílias durante o processo de adaptação ao diagnóstico?
9. Como a inclusão escolar pode impactar positivamente a saúde mental das crianças surdas?
10. De que maneira os educadores podem ser capacitados para oferecer apoio emocional e psicológico a essas crianças?
11. Quais estratégias podem ser adotadas para fortalecer a autoestima e a autoconfiança das crianças surdas?
12. Qual é a importância do acompanhamento psicológico contínuo para essas crianças?
13. Existe algum protocolo ou programa específico para atender às demandas emocionais de crianças com deficiência auditiva?
14. Como os pais podem buscar apoio psicológico e social para enfrentar os desafios do diagnóstico?
15. Qual é a importância da comunicação acessível, como Libras, no fortalecimento das relações familiares e sociais?
16. Que orientações você daria para famílias que estão recebendo o diagnóstico agora?
17. Quais são os principais mitos relacionados à saúde mental de crianças surdas ou com deficiência auditiva?
18. Como promover a conscientização sobre a importância do cuidado emocional dessas crianças em escolas e comunidades?
19. Quais os principais sinais de alerta que indicam a necessidade de apoio emocional?
20. Qual a importância de ter profissionais preparados e fluentes em Libras para auxiliar no atendimento?

Entrevista – Médica Otorrinolaringologista Pediatra Mayara Moreira

Data: 10/03/2025

Sugestão de Perguntas:

1. O que é a surdez?
2. Quais são os principais sinais que indicam a necessidade de uma avaliação auditiva mais detalhada?

3. Como é realizado o teste da orelhinha e por que ele é considerado essencial?
4. Passar no teste da orelhinha é suficiente para garantir uma boa audição ou é preciso ficar atento a outros sinais?
5. Quais exames são os mais comuns para confirmar o diagnóstico de surdez?
6. Qual a importância do diagnóstico precoce da surdez em recém-nascidos para o desenvolvimento da criança?
7. Como o diagnóstico precoce pode impactar o desenvolvimento da linguagem, socialização e integração escolar?
8. Quais são as consequências de um diagnóstico tardio de surdez em recém-nascidos?
9. Bebês prematuros têm maior propensão a desenvolver deficiências auditivas? Por quê?
10. Após o diagnóstico precoce, quais são os próximos passos no tratamento e acompanhamento da criança?
11. Quando o aparelho auditivo é indicado e como ele contribui para o tratamento?
12. Crianças com perda auditiva podem ou não podem falar? Quais são as condições necessárias para desenvolver a fala?
13. Quais são as taxas de sucesso das intervenções realizadas em crianças diagnosticadas precocemente?
14. Mesmo a criança que tenha sido diagnosticada com surdez profunda deve receber acompanhamento? Por quê?
15. Qual é o papel dos pais e familiares no processo de tratamento e acompanhamento após o diagnóstico?
16. Existe um trabalho específico realizado com os pais antes e depois de passar o diagnóstico para a família? Como ele funciona?
17. O que são os marcos do desenvolvimento infantil e por que é importante acompanhá-los?
18. Quais são os principais mitos sobre a surdez e o tratamento que chegam até o consultório?
19. Há muitos casos de crianças encaminhadas ao consultório por indicação de professores? Como esses encaminhamentos auxiliam no diagnóstico precoce?

20. Diagnóstico é chance e não condenação. Você concorda com essa frase? O que costuma dizer aos pais após o diagnóstico?
21. Existem políticas públicas no Brasil voltadas para a triagem auditiva neonatal? Como elas funcionam?
22. O teste da orelhinha é obrigatório por lei? Como essa obrigatoriedade tem contribuído para a detecção precoce da surdez?
23. Há campanhas nacionais ou regionais de conscientização sobre a importância da triagem auditiva neonatal? Quais os principais resultados dessas campanhas?
24. Como o Sistema Único de Saúde (SUS) atende famílias que precisam realizar a triagem auditiva e o acompanhamento após o diagnóstico?
25. Qual a importância de campanhas informativas nas maternidades para sensibilizar os pais sobre o teste da orelhinha?

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Laís Queiróz Ribeiro do Curso de Jornalismo, matrícula 2021.2 0127.0014-8, telefone (62) 999165549 e-mail laisq53@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, LONGFORM: Silêncio dos Girassóis: histórias que os números não contam sobre a surdez gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 9 de junho de 2025.

Assinatura do(s) autor(es): Laís Queiróz Ribeiro

Nome completo do autor: Laís Queiróz Ribeiro

Assinatura do professora-orientadora:



Nome completo da professora-orientadora:

Maria Carolina Giliolli Goos